



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

VÍTOR MARQUES CARDOSO

**O diálogo Respeitoso entre a Igreja e a
sociedade como um caminho para a nova
evangelização nos escritos de Chiara Lubich**

Dissertação Final

sob orientação do Prof. Doutor D. Nuno Brás da Silva Martins

Lisboa

2012-2013

«Dialogar verdadeiramente significa pôr em causa o próprio ser através da informação que vem do outro.

Significa aceitar o risco de que a forma do outro nos remodele à sua imagem e destrua assim aquilo

que constitui a nossa pessoa. [...]

O verdadeiro diálogo é sacrifício¹.»

Raymond Carpentier

¹ CARPENTIER, RAYMOND, IN GENNARO CICHESE, *Incontro a Te antropologia del diálogo*, Città Nuova, Roma, 2010, p.35.

Siglas

- LG Constituição Dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*», do Concílio Vaticano II
- NMI João Paulo II, «Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*», do Sumo Pontífice João Paulo II
- NA Declaração *Nostra Aetate*, sobre a Igreja e as Religiões Não Cristãs, do Concílio Vaticano II
- EN Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, do Papa Paulo VI
- RM Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, do Sumo Pontífice Papa João Paulo II
- DA Pontifício Conselho para o Diálogo inter-religioso - Congregação para a Evangelização dos Povos *Diálogo e Anúncio*
- DM Secretariado para os Não-Cristãos - A Igreja e as outras Religiões, *Diálogo e Missão*
- UUS Carta Encíclica *Ut Unum Sint*, de João Paulo II
- UR Decreto sobre o ecumenismo *Unitatis Redintegratio*, do Concílio Ecuménico Vaticano II
- MC Carta Encíclica *Mystici Corporis*, do Sumo Pontífice Papa Pio XII
- ES Carta Encíclica *Ecclesiam Suam*, do Sumo Pontífice Papa Paulo VI
- AG Decreto *Ad Gentes*, sobre a Atividade Missionária da Igreja, do Concílio Ecuménico Vaticano II
- DH Declaração *Dignitatis Humanae*, sobre a Liberdade Religiosa
- AAS *Acta Apostolicae Sedis*

Introdução

Esta dissertação ajusta-se no quadro da conclusão do Mestrado Integrado em Teologia pela Universidade Católica Portuguesa e tem como substrato uma pesquisa no âmbito da Teologia Pastoral sobre a abordagem do «diálogo respeitoso» entre a Igreja e a sociedade como um caminho para a Nova Evangelização nos escritos de Chiara Lubich. Aquilo que determinou a realização deste trabalho e a escolha deste tema foi o facto de contactar muito de perto com a espiritualidade da Unidade, como a denominou e difundiu Chiara Lubich no seio do Movimento dos Focolares – que ela também fundou, e de ter adquirido uma especial predileção pelo diálogo na Igreja, como fruto da vivência de um carisma. Esta área eclesiológica é uma das realidades atuais que deve merecer algum cuidado pela parte dos sacerdotes e da Igreja em geral.

A questão fundamental que sustém a abordagem deste trabalho consiste no conceito «diálogo respeitoso» e a sua praxeologia, procurando demonstrar, através dos escritos de Chiara, a sua relevância para a Nova Evangelização. Segundo a experiência de vida da fundadora do Movimento dos Focolares, estas duas realidades não se podem separar, pois não existe diálogo que não careça de um anúncio, e vice-versa, pois, desde a génese do Movimento, as primeiras focolarinas, entre elas, comunicavam as experiências do Evangelho vivido - este era, efetivamente, o principal instrumento de evangelização: Tratava-se de «viver e comunicar» através do amor ao irmão. Esta frescura de viver as Palavras da Escritura suscitou no coração de muitos um verdadeiro fascínio que impulsionou tantos a fazer a mesma experiência evangélica, o que permitiu que, em poucos meses, se expandisse o nascente Movimento dos Focolares.

As principais fontes de pesquisa deste trabalho são, portanto, os escritos de Chiara Lubich, assim como, de igual modo, os discursos que Chiara fez aos diversos

membros do Movimento (focolarinos, focolarinos casados, sacerdotes, religiosos, voluntários, *gen*), numa clara demonstração de abertura da Igreja aos diversos diálogos – o diálogo ecuménico, o diálogo inter-religioso, o diálogo com as pessoas de convicções não religiosas e o diálogo com a cultura. Para além desta praxeologia que a espiritualidade do Movimento nos oferece, existe o campo teológico em que está sustentado o seu carisma e que a autora revela como um período de iluminação particular o «Paraíso de 49». Apesar de fundamento da espiritualidade beber unicamente da Sagrada Escritura, esta experiência mística permitiu à fundadora entrar no mistério da Trindade.

O objetivo desta dissertação consiste, assim, em apresentar a importância do diálogo no caminho da Igreja, tendo como substrato a espiritualidade da unidade, procurando estabelecer uma correspondência com o Magistério da Igreja, não somente pelas suas reflexões mas visando a sua práxis.

Neste sentido, o trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentarei uma breve biografia de Chiara Lubich, sublinhando apenas alguns aspetos mais significativos da sua história pessoal de encontro com Deus e que deram origem ao florescimento de um carisma particular.

O segundo capítulo, sendo o mais extenso da dissertação, teve por objetivo abordar o entendimento de Chiara acerca dos conceitos de «Nova Evangelização», «Anúncio» e «Diálogo». Poderemos constatar que esta radicalidade evangélica está sustentada pela «arte de amar» fundada no Evangelho e que assinala, como fundamento da espiritualidade, «amar a todos», mesmo os inimigos, tal como vem expresso no Mandamento Novo de Jesus. Esta prática de reconhecer em cada próximo o rosto de Jesus impele a amar de modo concreto mesmo aqueles que professam outros credos. A partir desta primeira abordagem, tornar-se-á mais fácil estabelecer uma relação na

conciliação entre diálogo e anúncio. Com efeito, reconhece-se que estes conceitos estão interligados, como se pode verificar nos diálogos realizados entre os membros do Movimento. Este anúncio é realizado através de uma práxis, suscitada pelo testemunho de vida, pelo comunicar os frutos da palavra vivida, por uma atitude de acolhimento do outro ao ponto de esvaziar-se de si próprio; em suma, pela capacidade de «fazer-se um com o outro». Ainda neste segundo capítulo, serão apresentados os cinco diálogos estabelecidos no Movimento dos Focolares, bem como as iniciativas suscitadas por esta espiritualidade da Unidade e que promovem, entre cristãos e fiéis de outras tradições religiosas e pessoas não crentes e a cultura em geral, uma fraterna comunhão universal.

Quanto ao terceiro capítulo, nele apresentei uma abordagem teológica sobre o entendimento do «diálogo respeitoso» e a sua forma de atuar na vida da Igreja, na sociedade e na cultura. Procurei estabelecer a sua correlação entre a espiritualidade e o Magistério, erguendo aquele que me parece ser um entendimento comum sobre esta matéria, que podemos traduzir sinteticamente no fim de levar todos à plena comunhão da Igreja. Por último, serão salientadas algumas iniciativas levadas a bom termo pela espiritualidade do Movimento e que nos permitem verificar a importância de um «respeitoso anúncio» que pode levar os fiéis das outras religiões a aderir prontamente a um caminho de comunhão.

Para o desenvolvimento da minha dissertação, recorri aos escritos espirituais e a algumas obras de Chiara Lubich, bem como a outros autores que tiveram a oportunidade de (man)ter um contacto pessoal com a fundadora, o que possibilitou também verificar que existe uma verdadeira sintonia com a “essência” que caracteriza o carisma. Outro aspeto que merece algum destaque nesta pesquisa é o caminho percorrido entre a espiritualidade da unidade e o Magistério da Igreja, que podemos caracterizar por um caminho de verdadeira comunhão, correspondendo aos desafios

lançados pelos diversos Sumos Pontífices, como se pode confrontar nas notas de rodapé.

Por fim, resta-me dizer que esta dissertação não tem como objetivo esgotar toda a dimensão da espiritualidade relativamente ao diálogo: portanto, fiz uma recolha de alguns dados que me pareceram essenciais, para obter um prévio conhecimento do contributo deste carisma na Igreja.

1. Breve biografia sobre Chiara Lubich

Ao iniciar este trabalho, vou procurar fazer, sinteticamente, uma breve biografia de Chiara Lubich² e do Movimento dos Focolares³, que Chiara fundou, salientando ainda alguns antecedentes, sobretudo ligados à vida de Chiara e ao contexto sociopolítico da sua juventude, que possam ajudar a compreender o surgimento do Movimento e da espiritualidade que o caracteriza – sobre este último ponto, deter-me-ei num segundo momento deste capítulo.

1.1. *Antes da fundação do Movimento*

Sílvia Lubich nasceu em Trento (Itália), a 22 de janeiro de 1920, sendo a segunda de quatro filhos. Foi batizada na Igreja de Santa Maria Maior daquela cidade. Alguns dados que nos permitem conhecer melhor a sua infância encontramos-los nas obras de Igino Giordani⁴. Este narra como Sílvia, aos treze anos, se sentia envolvida por uma «atmosfera particular»: «Um dia, Sílvia sentiu-se repentinamente convidada ao martírio. Um convite claro e inesperado. Admirada, parou, voltou o seu rosto para o céu e respondeu: “Sim”. Eram momentos de graça, prelúdio de uma vocação particular»⁵.

Aos dezoito anos, Sílvia é impelida por um forte desejo de conhecer Deus. Deste modo, tendo terminado o curso do magistério, desejou frequentar a Universidade Católica com o objetivo de aí encontrar alguém que lhe falasse de Deus. Porém, não

² O nome de «Chiara» é adotado por Sílvia Lubich, após ter sido integrada como membro da Ordem Terceira Franciscana, como explanarei mais adiante.

³ «A palavra “Focolar” significa literalmente “lar”, “lareira”. Porém, o significado alargou-se até se tornar sinónimo de família, local de reunião, metáfora de toda a calorosa e familiar convivência. As raparigas de Trento, de facto, falavam de «fogo, chama, luz». Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido do Evangelho, Chiara Lubich e os Focolares*, Paulus, Apelação, 2004, p. 66.

⁴ «Igino Giordani» é um deputado, escritor e jornalista que, ao contactar com Chiara no ano de 1948, se sentiu impelido a seguir esta nova «Via» do Movimento que começava a florescer. Através do Igino abre-se um novo ramo na Obra – «os focolarinos casados». A sua figura foi, pois, determinante no desenvolvimento do Movimento.

⁵ IGINO GIORDANI, *Storia del Movimento dei Focolari*, cit. in. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 48.

conseguindo obter lugar na Universidade, por uma vaga a menos, viu-se obrigada a trabalhar como professora, a fim de garantir o sustento em casa e os estudos que tencionava fazer.

Sempre com o desejo de aceder ao conhecimento de Deus, Chiara inscreveu-se na Faculdade Estatal de Filosofia de Veneza, no ano de 1938. Contudo, não conseguiu concluir a licenciatura devido aos obstáculos causados pela guerra⁶.

No ano de 1939, Sílvia foi convidada para um congresso de estudantes católicas em Loreto, onde se encontra, segundo a tradição, a casa da Sagrada Família de Nazaré, para ali transportada no tempo das cruzadas⁷. Quando Chiara regressou de Loreto, o pároco perguntou-lhe se ela tinha descoberto a sua vocação. Chiara respondeu que sim, mas que a sua vocação era uma espécie de «quarta via», diferente do casamento, da consagração num mosteiro ou no mundo, ou seja, a sua vocação seria o Focolar⁸.

Assim nos é desvelada a intuição de Chiara, advinda da contemplação da virgindade das três pessoas da Sagrada Família, caminho este que propôs a todos aqueles que seguissem o Focolar. Aquilo que haveria de definir o Focolar seria pautado pelo Amor recíproco sempre vivo, a presença espiritual de Jesus no meio de nós (Mt. 18,20), à imagem da sua presença física entre Maria e José⁹.

Após ter sido integrada como membro da Ordem Terceira Franciscana em 1943, Sílvia Lubich tomou o nome de Chiara, seguindo a tradição nas Ordens religiosas de receber um nome novo, como sinal de renúncia ao «homem velho», isto é, como sinal

⁶ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 50.

⁷ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 14.

⁸ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, pp. 14-15.

⁹ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 15.

de uma consagração¹⁰. Assim, é no contacto com a Ordem Terceira Franciscana que Chiara inicia uma nova etapa na sua vida: «Em Trento, na escola onde eu ensinava, dirigida pelos padres Capuchinhos, esbarrei com São Francisco e Santa Clara. Entrei na Ordem Terceira Franciscana e tomei o nome de Chiara: Santa Clara fascinava-me pela sua escolha radical de Deus»¹¹.

A preparação próxima para a entrega radical a Deus que norteou a vida de Chiara Lubich surgiu aos 23 anos, quando Chiara, ao realizar um simples gesto de amor, se sentiu chamada por Deus a uma entrega total da sua vida: «Dá-te toda a mim». Chegada a casa, Chiara escreveu uma carta ao seu confessor, padre Casimiro, na qual pedia autorização para se consagrar totalmente a Deus¹². Após um longo interrogatório por parte do seu diretor espiritual, este procurou aconselhar-se com um confrade mais velho, a fim de obter consenso. Obtida a concordância deste, Chiara recebeu autorização para se consagrar a Deus, mas com uma condição: «Por qualquer motivo não deveria nunca deixar a cidade de Trento!»¹³. A consagração de Chiara realiza-se a 7 de dezembro de 1943¹⁴. Através de uma doação radical, oferece secretamente a sua vida a Deus com o voto de castidade este é o dia que marca o início desta nova aventura iniciada por Chiara e que dá origem ao designado ‘Movimento dos Focolares’.

¹⁰ Cf. TORNO, ARMANDO, *PortatTi il mondo fra le braccia, Vita di Chiara Lubich*, Città Nuova, Roma, 2011, pp. 17-18.

¹¹ ZAMBONINI, FRANCA, *Chiara Lubich - A sua herança*, Paulinas, Lisboa, 2010, p. 56.

¹² Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 53.

¹³ Cf. TORNO, ARMANDO, *PortatTi il mondo...*, p.19.

¹⁴ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 53.

1.2. Os primeiros anos do Movimento dos Focolares – prolegómenos dos “diálogos”

No ano de 1944, a cidade de Trento é devastada por fortes bombardeamentos; nesse período, Chiara e as suas primeiras companheiras dirigem-se para os refúgios antiaéreos, levando consigo apenas o Evangelho. Cada frase do Evangelho, refletida e vivida, vai sendo iluminada por uma luz nova; é deste modo que Deus vai revelando a Chiara as regras fundamentais que estarão na base da «espiritualidade de unidade»¹⁵.

Desde os primeiros tempos, aquilo que foi marcando as linhas mestras dessa Espiritualidade foi o modo como os membros do Movimento puseram em prática, com renovado empenho, as Palavras do Evangelho¹⁶: através desta vida que florescia do Evangelho vivido, «aprendemos a reconhecer e amar em cada próximo um membro do Corpo Místico, Cristo nele»¹⁷. Esta forma concreta de viver o Evangelho abriu caminho a um novo estilo de vida que, gradualmente, foi constituindo a fisionomia do Movimento.

Assim, como o número daqueles que aderiam ao Movimento foi aumentando, no ano de 1947, Monsenhor Carlo de Ferrari Arcebispo de Trento pediu um primeiro regulamento. Deste modo, foi redigido, num primeiro compêndio, um pequeno conjunto de estatutos em que se definia já o objetivo geral da Obra¹⁸. A primeira aprovação (de três anos) foi concedida pelo mesmo Arcebispo de Trento, no ano de 1947,

¹⁵ Termo designado por Chiara para definir as linhas mestras que corresponderiam ao Movimento que mais tarde tomará a designação de «Obra de Maria».

¹⁶ Cf. AA.VV., *O Movimento dos Focolares*, Cidade Nova, São Paulo, 1967, pp. 20-21.

¹⁷ Cf. AA.VV., *O Movimento dos Focolares...*, p. 29.

¹⁸ O termo «Obra» ou «Obra de Maria» é a designação atribuída ao Movimento dos Focolares.

corroborando a certeza de o Movimento caminhar na vontade de Deus, e procurando, desse modo, afastar as críticas a que os focolarinos estavam sujeitos¹⁹.

No ano de 1949, Chiara vive uma forte experiência mística que ilumina as linhas mestras do Movimento dos Focolares. Esta experiência mística, também designada por «Paraíso de 49», consistiu em entrar por uma graça especial no seio de Deus, de modo que Chiara pôde contemplar cada uma das Pessoas da Santíssima Trindade e Maria²⁰. Nesta experiência mística, Chiara teve outras intuições particulares, sobretudo de São José. A particular intuição que teve de Maria foi de tal modo importante que Chiara e as suas companheiras sentiram o desejo de se consagrarem a Maria e de fazer d'Ela o modelo de suas vidas, ou seja, não serem apenas suas filhas, mas outras «Maria»²¹. Esta experiência sucedeu no verão de 1949, período em que Chiara, juntamente com as primeiras focolarinas e Iginio Giordani, passavam um tempo de férias e formação nas montanhas dos Dolomitas. Estas revelações particulares prenderam Chiara de tal forma que desejava permanecer naquela contemplação do céu. Foi Iginio Giordani quem a encorajou e lhe recordou que o seu ideal era «Jesus Abandonado» e que, por isso, devia descer para amar a humanidade. Em profunda comoção de lágrimas e dor, Chiara escreveu então: «Tenho um só Esposo sobre a terra. Não tenho outro Deus fora d'Ele. N'Ele está toda a humanidade, n'Ele a Trindade. Aquilo que me faz mal é meu. Irei pelo mundo...»²².

Estes momentos de revelações particulares acontecem num contexto já agitado por algumas críticas ao Movimento; a estas revelações sucedem-se, também, mais períodos conturbados com ataques de diversas formas. Com efeito, na época em que o

¹⁹ Cf. TORNO, ARMANDO *PortatTi il mondo,...*, p.33; Cf. ZAMBONINI, FRANCA, *Chiara Lubich - A sua herança...*, pp. 41-42.

²⁰ Cf. LUBICH, CHIARA, “*Paradiso '49*”, in *Nuova Umanità*, XXX Maggio-Giugno, Città Nuova, Roma, 2008/3, pp. 285-292.

²¹ Cf. LUBICH, CHIARA, “*Paradiso '49*” ..., pp. 292-293.

²² LUBICH, CHIARA, “*Paradiso '49*” ..., p. 296.

Movimento dos Focolares florescia, o mundo acabara de sair do maior conflito bélico mundial que se conheceu e viviam-se tempos de perturbação que originariam soluções divergentes e radicais – ou comunistas ou de extrema-direita. A Itália tinha um passado recente de ditadura totalitária; assim, uma das acusações de que os Focolares foram alvo foi a de que os seus membros seriam comunistas disfarçados de cristãos, por defenderem e praticarem a comunhão de bens. Por fazerem uma leitura aturada e contínua dos Evangelhos, os focolarinos também foram acusados de serem protestantes mascarados de católicos. Finalmente, numa sociedade patriarcal, o facto de a líder do Movimento ser uma mulher era mais um elemento severamente apontado. Estes fatores contribuíram também para justificar a necessidade de uma contínua reestruturação dos estatutos, até porque o Movimento se ia expandindo também nas estruturas eclesiais²³.

A responsabilidade suprema pela salvaguarda do depósito da fé cabia à então chamada «Suprema Congregação do Santo Ofício» (hoje Congregação para a Doutrina da Fé) que tinha como objetivo averiguar as verdades da fé e, por isso, reunia as condições para aferir sobre a veracidade das acusações a que o Movimento estava sujeito²⁴. Durante o período dos anos cinquenta, Chiara e os seus seguidores foram submetidos a alguns interrogatórios, a fim de obter aprovação dos estatutos do Movimento²⁵. A aprovação destes dá-se por diversas fases: depois da primeira aprovação de 1947, em 1953, foi redigido um novo esboço, também ele apresentado ao Arcebispo de Trento, Monsenhor Carlo Di Ferrari; em 1958, o Papa Pio XII pediu que se redigisse uma nova regra porque, neste período, a Obra de Maria incluía já sacerdotes e religiosos simpatizantes, juntamente com os leigos, formando, assim, um vasto

²³ Cf. ZAMBONINI, FRANCA, *Chiara Lubich - A sua herança...*, pp. 40-45.

²⁴ Cf. FOLONARI, GIULIA, *Uma Partitura Escrita no Céu, Cinquenta anos com Chiara Lubich*, Cidade Nova, Abriçada, 2012, p. 86.

²⁵ Cf. GALLAGHER, JIM, *Chiara Lubich – A Obra de uma Mulher*, Cidade Nova, Parede, 1997, pp. 86-87.

Movimento. Mas, com a morte do Sumo Pontífice, os processos ficaram suspensos²⁶. A esperada aprovação dos estatutos chegou a 23 de março de 1962, assinada pelo Papa João XXIII, segundo o Código de Direito Canónico de 1917²⁷. Todavia, o decreto da aprovação dos estatutos do Movimento dos Focolares como «Obra de Maria» data somente de 5 de dezembro de 1964, emanado pela Congregação do Concílio. A última aprovação dos estatutos do Movimento teve lugar em 1990, pelo Pontifício Conselho para os Leigos, que os aprova conforme os cânones 298-311 e 321-329 de Código de Direito Canónico de 1983, confirmando este Movimento como Associação de fiéis leigos²⁸.

O Movimento foi, assim, prosseguindo o seu caminho. Fê-lo, por exemplo, através do projeto «Economia de Comunhão». Este teve a sua origem no ano de 1991, no Brasil. Deve-se ao impacto causado em Chiara pelo desequilíbrio entre ricos e pobres, quando, ao sobrevoar a cidade de São Paulo, verificou uma selva de luxuosos arranha-céus que se elevavam no centro da cidade e, à sua volta, um amontoado de favelas e mocambos. Esta intuição de Chiara teve como objetivo reduzir a pobreza e estabelecer um estilo de vida assente na comunhão de bens²⁹.

Outro acontecimento de grande relevância e que marca uma nova etapa na própria Igreja foi o encontro de Pentecostes de 1998, na Praça de São Pedro, entre João Paulo II e os diversos fundadores e responsáveis de novas comunidades e movimentos. Neste encontro, o Papa incentivou os movimentos a trabalhar por uma maior «exigência de convergir na comunhão eclesial, de comunicarem com gestos concretos os dons recebidos, de se apoiarem nas dificuldades e de cooperar para enfrentarem juntos os

²⁶ Cf. AAVV, *O Movimento dos Focolares...*, pp. 39-41.

²⁷ Cf. ZAMBONINI, FRANCA, *Chiara Lubich - A sua herança...* p. 47.

²⁸ Cf. OPERA DI MARIA, *Statuti Generali*, Città Nuova, Roma, 1999.

²⁹ Cf. ZAMBONINI, FRANCA, *Chiara Lubich - A sua herança...*, p. 103.

desafios da nova evangelização»³⁰. Este encontro de Pentecostes suscitou nos diversos movimentos o forte desejo de trabalhar juntos por uma Europa mais unida, procurando cultivar um diálogo vivo entre todas as comunidades e movimentos e contribuindo, deste modo, para dar uma nova alma à Europa.

Neste seguimento, no ano de 2002, tem origem o projeto «Juntos pela Europa», dando assim início a um caminho de comunhão com cerca de 250 comunidades e movimentos, que teve uma expressão concreta nas Jornadas de Estugarda, na Alemanha, que se realizaram em 2004, e, depois, no ano de 2007, no mesmo local, com cerca de 9000 participantes. Os desafios que estão na base deste projeto europeu de unidade colocam-se ainda hoje quer à Igreja quer à sociedade³¹.

1.3. Os principais momentos do diálogo ecuménico

Esta nova forma radical de viver o Evangelho proporcionou que os membros do Movimento se pusessem em contacto com várias comunidades ou movimentos de irmãos separados de algumas comunidades e Igrejas separadas: Luterana, Anglicana, Ortodoxa. Esta nova linfa que surgia nos membros da Obra, com o seu objetivo de unidade, fez surgir em muitos fiéis destas confissões uma extraordinária simpatia pelo Movimento: «Parecia que o Senhor quisesse usar também do nosso Movimento para fazer desmoronar preconceitos inveterados e para promover um recíproco conhecimento e estima, premissas úteis à unidade que se realizará»³².

Assim, vê-se florescer nos anos posteriores um relacionamento de unidade entre a Igreja Católica e as comunidades e Igrejas Separadas, mas sempre numa profunda

³⁰ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 349.

³¹ Cf. TORNO, ARMANDO, *PortatTi il mondo...*, p. 112.

³² Cf. AA.VV., *O Movimento dos Focolares...*, p. 67.

comunhão e obediência à Hierarquia. Deste modo, o Movimento torna-se um sinal visível de comunhão na Igreja, como entendeu o pastor Luterano, Cónego Pawley, ao afirmar:

«Atualmente ouve-se nomear muitas vezes o nome “focolarinos”. Posso dizer que, entre eles e em contacto com eles, não me parece, de modo algum, de tratar com focolarinos, mas de tratar sempre com Cristo. Isto é ecuménico, e leva à unidade pois se trata de Cristo, de Jesus»³³.

Os primeiros encontros com os luteranos realizaram-se na Alemanha, a partir do ano de 1959, durante o «*Kirchentag*»³⁴, realizado por irmãos de diversas denominações que, ouvindo falar do Movimento dos Focolares e da sua espiritualidade – que tem como característica a unidade –, convidaram um padre católico para lhes falar dos focolarinos. Depois, em janeiro de 1961, realizou-se o primeiro encontro ecuménico em Darmstadt, com a presença de setenta irmãs protestantes, pastores e missionários luteranos e que esperavam um encontro com os católicos. Este encontro suscitou um profundo interesse pelo espírito de unidade e desenvolveu-se numa atmosfera de cordial fraternidade³⁵.

Neste período, em que tiveram lugar diversos encontros entre católicos e luteranos, abriu-se caminho também à comunicação com os anglicanos. Num desses encontros, os católicos comunicaram algumas experiências que se exprimem em dois princípios da fé católica: a unidade à Hierarquia eclesiástica e a unidade entre os participantes. Por outro lado, salientou-se a importância de consagrar o mundo nas mais variadas categorias sociais, por ação de um espírito cristão vivido, como sublinhou o Papa Pio XII. Durante o encontro foram evidenciados alguns pontos da espiritualidade,

³³ Cf. AA.VV., *O Movimento dos Focolares...*, pp. 272-273.

³⁴ O termo «*Kirchentag*» significa «O dia da Igreja». Este termo foi adotado para designar os congressos da Igreja Protestante Alemã. No ano de 1959, o congresso teve como lema de reflexão «Vós sereis o meu povo».

³⁵ Cf. AA.VV., *O Movimento dos Focolares...*, pp. 275-276.

dando ênfase àquele «segredo» que leva à união com Deus e com os irmãos e que constitui a arma para sustentar a Igreja perseguida: a cruz. Deste modo, amando a cruz, cada pessoa poderá contribuir para desmoronar as barreiras daquilo que nos divide e suscitar nos corações um empenho à unidade. No final desse encontro, um pastor evangélico, movido pelo desejo de empenhar-se também em construir a unidade, pediu alguns minutos de silêncio e, invocando para todos o Espírito Santo, pediu pelo «Papa, os Cardeais, os bispos, os sacerdotes, os homens de Deus», e pela «Igreja, Una, Santa, católica, na qual todos nós cremos»³⁶.

Outro momento importante do diálogo ecumênico teve lugar em Londres, a 1 de julho de 1966, no Lambeth Palace, onde foi preparada uma audiência com o Primaz da Comunhão Anglicana. Este, reconhecendo no Movimento a mão de Deus, encorajou Chiara a difundir a Obra na Igreja da Inglaterra³⁷.

Destes sucessivos encontros com o Movimento, desenvolve-se uma fraterna convivência entre Anglicanos, Presbiterianos e Batistas, sobretudo na América, Áustria e Inglaterra.

Este espírito de abertura do Movimento veio a propiciar, igualmente, o diálogo com a Igreja Ortodoxa. Ouvindo falar da espiritualidade do Movimento, o Patriarca Atenágoras I convidou Chiara Lubich para ir a Istambul. O encontro entre Atenágoras I e Chiara realizou-se a 13 de junho de 1967, abrindo no representante ortodoxo um extraordinário relacionamento de amor pelo carisma da unidade e estreitando caminho para o diálogo entre Ortodoxos e Católicos³⁸. Através de sucessivos encontros, estabeleceu-se uma verdadeira fraternidade entre ambas as confissões cristãs, o que fez com que o «diálogo da vida» do Movimento entrasse no mundo Ortodoxo. Este diálogo

³⁶ Cf. AA.VV., *O Movimento dos Focolares...*, pp. 277-278.

³⁷ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale*, Città Nuova, Roma, 2001, p. 42.

³⁸ Cf. TORNO, ARMANDO, *PortatTi il mondo...*, pp. 75-76.

iniciado com os Ortodoxos teve continuidade através do contacto com os Patriarcas Demétrio I e, posteriormente, com o seu sucessor Bartolomeu I³⁹.

O diálogo estabelecido entre Chiara e o Patriarca Atenágoras I permitiu a Chiara tornar-se elo de comunicação informal entre o Patriarca e o Papa Paulo VI, suscitado por uma comunhão e estima recíproca. O contributo maior de Chiara talvez tenha sido informar o Sumo Pontífice do amor genuíno e estima que o Patriarca nutria pela Sua Santidade o Papa Paulo VI. Assim, numa carta dirigida a Chiara datada a 3 de março de 1968 o Papa escreveu: «Possa o Senhor ajudar-nos com a Sua luz e a Sua graça nestas etapas partilhadas que estamos a percorrer em direção à perfeita comunhão de fé e de amor na Igreja de Cristo»⁴⁰. Numa outra carta redigida a 5 de abril de 1971 o Papa Paulo VI escreveu a Chiara dizendo:

«Fiquei feliz por saber as interessantes e consoladoras notícias das tuas conversas com o venerado Patriarca Atenágoras. [...] Pelos sentimentos que ele nutre pela minha humilde pessoa, bem como da esperança que ele vai inculcando na sua venerável e augusta Igreja em direção à perfeita unidade num único cálice. Deus quer uma feliz realização desse desejo, tanto mais que está em conformidade com o desejo supremo de Cristo: “que todos sejam um”. Que nós possamos obter esta unidade, pela graça do Espírito Santo e através da humilde e amorosa disposição dos nossos corações»⁴¹.

A continuidade dos encontros levou também a que a espiritualidade fosse acolhida pelas antigas Igrejas Orientais (Armena Apostólica, Copta Ortodoxa, Sira Ortodoxa, Etíope Ortodoxa e Assíria)⁴².

No diálogo que se foi estabelecendo com as diversas Igrejas, Chiara procurou fazer a ponte entre estas e o Papa, confiando-lhe todas as atividades realizadas pelo Movimento. O Papa Paulo VI, por sua vez, aprovou e encorajou Chiara a levar para a

³⁹ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, pp.42-43.

⁴⁰ GALLAGHER, JIM, *Chiara Lubich – A Obra de uma Mulher...*, p. 144.

⁴¹ GALLAGHER, JIM, *Chiara Lubich – A Obra de uma Mulher...*, p.144.

⁴² Cf. TORNO, ARMANDO, *PortatTi il mondo...*, p. 77.

frente a original ação através do diálogo. Assim, em junho de 1972, após um Congresso realizado entre católicos e ortodoxos no «Centro Uno»⁴³, o grupo dirigiu-se à Praça de São Pedro, onde o Papa Paulo VI os saudou: «Também os ortodoxos devem saber que este Movimento [é] assim conduzido, com lealdade, sem querer queimar etapas, mas querendo realmente encontrar a amizade, de modo a resolver também as reais questões teológicas para uma crescente unidade»⁴⁴.

1.4. Principais momentos do diálogo inter-religioso

O evento que assinalou e contribuiu para dar mais impulso e visibilidade ao diálogo inter-religioso foi, de certa forma, o «Prémio Templeton para o Progresso da Religião»⁴⁵, atribuído a Chiara no ano de 1977, em Londres. Chiara encontrou-se diante de uma diversidade de povos, raças, culturas e religiões. Diante de tão grande diversidade, teve a sensação de ter-se ali realizado o pedido de Jesus – «Que todos sejam um» (cf. Jo. 17)⁴⁶. Este acontecimento vai, então, abrir caminho para uma nova etapa no Movimento, a do diálogo inter-religioso, agora ampliado, com os hebreus, muçulmanos, budistas, Siks, hinduístas⁴⁷.

Outra data com grande relevo situa-se em outubro de 1978, em que Chiara constitui o «Centro Del Dialogo Con I Non Credenti» (atualmente é o «Centro Del Dialogo Con Persone Di Convinzioni Non Religiose») e que se destina a todos os

⁴³ «Centro Uno» é a Secretaria para o Ecumenismo, fundada por Chiara, com sede em Roma. Cf. TORNO, ARMANDO, *PortatTi il mondo...*, p. 69.

⁴⁴ TORNO, ARMANDO, *PortatTi il mondo...*, p. 78.

⁴⁵ O «Prémio Templeton» foi a condecoração que Chiara recebeu pelo «Progresso da Religião» na «Guildhall de Londres», Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 380.

⁴⁶ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 380.

⁴⁷ Cf. TORNO, ARMANDO, *PortatTi il mondo...*, pp. 82-83.

homens de boa vontade, sem nenhuma referência religiosa; colaborando com eles em ações comuns de solidariedade⁴⁸.

Depois de inúmeros encontros, verifica-se, nos anos 90, um enorme desenvolvimento no «diálogo da vida», como foi definido por Chiara nos princípios da abertura às diversas religiões. Assim, na mesma década de 90, dá-se um enorme desenvolvimento das relações com pessoas e comunidades que pertencem a várias religiões: Chiara é convidada a falar da espiritualidade da unidade às grandes religiões, sendo um período assinalado também pelos diversos prêmios *honoris causa*⁴⁹ que lhe são conferidos, designadamente em diversas Ciências Sociais, assinalando o seu esforço por fomentar «uma nova cultura para uma sociedade nova»⁵⁰. Neste contexto, Chiara é convidada a falar múltiplas vezes sobre a sua experiência de unidade.

Do ponto de vista dos propósitos desta dissertação, a última data que assinala uma nova etapa na vida do Movimento é marcada pela morte da fundadora, a 14 de março de 2008⁵¹. Chiara parte deste mundo com 88 anos, deixando um verdadeiro rasto de luz e uma obra vastíssima, com as mais diversas ramificações.

⁴⁸ Cf. TORNO, ARMANDO, *PortatTi il mondo...*, p. 84.

⁴⁹ Cf. TORNO, ARMANDO, *PortatTi il mondo...*, pp. 106-108.

⁵⁰ LUBICH, CHIARA, *Uma Nova Cultura Para Uma Sociedade Nova. Discursos por ocasião dos doutoramentos honoris causa*, Cidade Nova, Abrigada, 2009.

⁵¹ Cf. TORNO, ARMANDO, *PortatTi il mondo...*, pp. 123-124.

2. Noção de Evangelização nos escritos de Chiara Lubich

De acordo com os escritos bíblicos, evangelizar é a missão dada por Jesus aos apóstolos:

«Antes pelo contrário: tendo visto que me tinha sido confiada a evangelização dos incircuncisos, como a Pedro a dos circuncisos – pois aquele que operou em Pedro, para o apostolado dos circuncisos, operou também em mim, em favor dos gentios – e tendo reconhecido a graça que me havia sido dada, Tiago, Cefas e João, que eram considerados as colunas, deram-nos a mão direita, a mim e a Barnabé, em sinal de comunhão, para irmos, nós aos gentios e eles aos circuncisos. Só nos disseram que nos devíamos lembrar dos pobres – o que procurei fazer com o maior empenho» (Gl 2, 7-10).

Na Encíclica *RM 44* o Papa João Paulo II sublinha que «A evangelização conterà sempre como base, centro e, ao mesmo tempo, vértice do seu dinamismo – uma proclamação clara de que, em Jesus Cristo (...) a salvação é oferecida a cada homem, como dom de graça e de misericórdia do próprio Deus».

O que entende Chiara Lubich por Evangelização? Antes de mais, deve salientar-se que Chiara não formulou propriamente uma noção de Evangelização⁵², mas deu-lhe uma nova compreensão, que consiste em viver segundo «a lei do amor», que é a norma evangélica por excelência⁵³.

⁵² Sobre a Evangelização o Papa João Paulo II dizia que consiste «no esforço da Igreja de proclamar a todos que Deus os ama, que ofereceu a sua vida por eles em Cristo Jesus e que os convida a uma vida de felicidade» - nisto sublinhou a importância do laicado no mundo através de uma evangelização que assume determinadas características, também nos Focolares: “é nova no ardor; começa com o anúncio do amor de Deus; parte da evangelização de si mesmos; utiliza a arte de amar; forma comunidades cristãs maduras; quer ligados entre si todos os membros da Igreja empenhados; atua o ecumenismo; aprofunda o diálogo inter-religioso...». Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido ...* p. 351.

⁵³ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 135.

2.1. *Evangelização e Lei do Amor*

Esta Evangelização suscitou uma profunda experiência de vida através do contacto que se foi gerando entre os membros do movimento e as outras religiões, percebendo-se que em todas elas está presente a chamada «regra de ouro»: «o que quiserdes que vos façam os homens fazei-o também a eles, porque isto é a Lei e os Profetas» (Mt. 7,12). Esta lei, prescrita em todas as religiões, implica um comportamento novo, ou seja: «amar como a si mesmo», como afirma Chiara: «O próximo é um outro *tu* e, como tal, tu deves amá-lo. Se ele chora, chorarás com ele; se sorri, com ele sorrirás; e se é ignorante, com ele te farás ignorante, e se perdeu seu pai, tu te identificarás totalmente com ele, com a sua dor»⁵⁴.

Com esta abertura de comunhão, Chiara salientou com maior precisão: «Deus não quer de nós em primeiro lugar uma obra social, mas uma nova evangelização [...]. Assim, nós nascemos para evangelizar: as obras devem confirmar que o amor que pregamos é verdadeiro»⁵⁵. Neste âmbito, o que fomentou o desenvolvimento do carisma da unidade na sua ação evangelizadora não foram os discursos realizados através dos média, mas o amor vivido segundo a «arte de amar», que Chiara propôs como único «método» de difusão e de evangelização⁵⁶.

Esta «arte de amar» consiste em «amar a todos» sem discriminação nem distinção, isto é, «amar os inimigos», ter a iniciativa no amor, ou seja, «ser o primeiro a amar»; para isto, é necessário «fazer-se um» com os outros, o que requer a «reciprocidade de amor» – segundo o mandamento de Jesus que diz: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei» (Jo. 13,34) –, e que esse amor seja expressão da «presença

⁵⁴ LUBICH, CHIARA, *Escritos Espirituais/1 A Atração Dos Tempos Modernos*, Cidade Nova, São Paulo, 1983, p.154.

⁵⁵ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 135.

⁵⁶ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, pp. 337-338.

de Jesus» – «onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (cf. Mt. 18,20)⁵⁷.

Neste sentido, vê-se florescer dentro da Igreja um forte empenho em trabalhar em conjunto por uma espiritualidade de comunhão⁵⁸, que se exprime em saber escutar o outro, ou, como diz Chiara, em «fazer-se um» com o outro, desígnio expresso também por São Paulo, que diz: «De facto, embora livre em relação a todos, fiz-me servo de todos, para ganhar o maior número» (1Cor 9,19).

Este interesse no sentir as preocupações da Igreja do seu tempo levou Chiara Lubich a refletir sobre o desígnio de Deus para a humanidade e qual o contributo que o cristianismo poderia dar no relacionamento entre as pessoas, afirmando que, para isso, é necessário «amar, conhecer-se, fazer-se um com os outros até ao ponto de poder comunicar os dons que Deus deu, devendo tudo isto ser transferido para um plano mais amplo, desde conhecer, estimar e amar os outros movimentos e obras da Igreja e suscitar e aumentar entre todos a recíproca comunhão de bens espirituais»⁵⁹.

Esta comunhão, que brotava no coração das focolarinas e dos focolarinos, tinha o seu fundamento naquelas Palavras de Jesus «Pai, que todos sejam uma coisa só» (Jo.17, 21). Estas palavras contidas no Evangelho ecoavam no coração de Chiara, constituindo as linhas mestras da espiritualidade da unidade. Assim, ao ler Jo. (17, 21), Chiara teve uma forte convicção de que os focolarinos tinham nascido para atuar o

⁵⁷ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 335.

⁵⁸ Cf. João Paulo II, *NMI*, 45: o Papa desafia todos a viver a espiritualidade de comunhão: «os espaços de comunhão devem ser cultivados e alargados dia após dia, a todos os níveis, no tecido da vida de cada Igreja. A comunhão deve brilhar nas relações entre bispos, presbíteros e diáconos, entre pastores e todo o povo de Deus, entre clero e religiosos. Entre associações e movimentos eclesiais».

⁵⁹ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 341.

testamento de Jesus; ou seja, contribuir para a unidade dos homens com Deus e entre eles⁶⁰.

A fonte inspiradora do carisma da unidade consiste no amor a Deus que não pode ser separado do amor aos irmãos. A espiritualidade da unidade abarca, assim, um vasto mundo através do diálogo, da compreensão das razões alheias, da amizade⁶¹.

A «unidade» tornou-se, por conseguinte, o distintivo da espiritualidade do Movimento - ou seja, procurar, entre as diversas realidades eclesiais, os aspetos que as unem a fim de poderem contribuir para a edificação de uma Igreja-Comunhão⁶², que, como referimos, teve grande visibilidade na vigília de Pentecostes de 1998, celebrada em união com diversas comunidades eclesiais e movimentos.

2.2. *Evangelização e diálogo*

Sendo o diálogo a temática central deste trabalho, é pertinente começar por definir este conceito, sobretudo segundo o entendimento que dele faz Chiara e a forma como o operacionaliza.

Antes de mais, deve salientar-se que, para dialogar, é necessário que haja uma «atitude de fundo», que se afaste de qualquer tipo de superioridade de um em relação ao outro; tal como afirma Chiara:

⁶⁰ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 26.

⁶¹ Cf. ZAMBONINI, FRANCA, *Chiara Lubich - A sua herança...*, p. 73.

⁶² Cf. Constituição Dogmática, *Lumen Gentium*, sobre a Igreja «A Igreja como mistério de comunhão» - «Cristo estabeleceu este novo pacto, a nova aliança no Seu sangue (cf. 1 Cor 11,25), chamando de entre os Judeus e os Gentios um povo que formasse um todo, não segundo a carne, mas no Espírito, e constituísse o novo Povo de Deus» [...]; «Este povo messiânico, ainda que não abranja de facto todos os homens, e não poucas vezes apareça como um pequeno rebanho, é, contudo, para todo o género humano o mais firme germe de unidade, de esperança e de salvação [...]. Estabelecido por Cristo em ordem à comunhão de vida, amor e verdade» LG 9.

«Dialogar significa, em primeiro lugar, colocar-se no mesmo plano. Não acreditar que se é melhor que os outros. E significa também ouvir o que o outro tem no coração. Significa afastar todos os nossos pensamentos, os afetos do coração, os apegos. Afastar tudo para poder entrar no outro»⁶³.

Qual o elemento chave que caracteriza o diálogo? Segundo a intuição de Chiara, o diálogo tem a sua motivação mais profunda na *quenose*, no anulamento de Jesus na cruz (cf. Fil. 2,8). Este é o elemento essencial no diálogo⁶⁴, que nos explica como é necessário anular-se, no sentido de «esvaziar-se», para dar lugar ao outro, para o escutar e, em verdade fazer-se um com a alteridade:

«Nos fiéis das religiões orientais, aquela típica dor de Jesus, que O conduziu a anulamento total, suscita um novo fascínio muito especial. E quando alguém morre para si mesmo, para “se fazer um” com eles, e com isso deixa que em si viva Cristo – ou quando contactam com o Ressuscitado no meio de cristãos unidos, também Ele fruto do amor à cruz –, sabem distinguir aquela luz e aquela paz, efeitos do Espírito, que irradiam dos seus rostos; sentem-se atraídos e pedem explicação»⁶⁵.

Outro aspeto relevante que se inscreve como chave do diálogo insere-se num dos pontos da «arte de amar» – na arte de «fazer-se um», ou seja, de viver o outro. Isto «significa entrar nas razões dos outros; vencer a suspeição através da fraternidade; compreender o significado profundo das outras crenças, procurando os princípios que são comuns e unem, sem negar os pontos que dividem»⁶⁶.

Este diálogo posto em prática, na perspetiva de Chiara, não pode deixar de nutrir-se, também, da passagem do Evangelho que nos fala do «Mandamento Novo»:

⁶³ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 397.

⁶⁴ A conceção de diálogo coloca-nos sempre em relação com o outro, mas com a particularidade de abertura e aceitação do outro que é diferente de mim; nesta linha insere-se também o pensamento de Pietro Rossano que diz: «Podemos definir diálogo como uma relação interpessoal que acontece no respeito pela alteridade do interlocutor, sobre a base de uma comunhão já existente, tendo em vista uma aproximação e uma união mais profunda, para um enriquecimento recíproco. Os termos do diálogo são a alteridade, respeito, reciprocidade, mútua escuta e comunicação, paciência e reflexão, aceitação de um certo risco de autonomia, vontade de aperfeiçoamento interior, docilidade ao Verdadeiro e ao Bem, que finalizam cada relacionamento sincero com os homens» - ROSSANO, PIETRO, *Dialogo e annuncio cristiano, L'Incontro con le grandi religion*, Paoline, Milano, 1993, p. 15.

⁶⁵ Cit. in FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 382.

⁶⁶ Cf. ZAMBONINI, FRANCA, Chiara Lubich - *A sua herança...*, p. 88.

«É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos» (Jo. 15,12-13).

Com efeito, o Mandamento Novo requer uma nova atitude, isto é, ver o outro com um olhar novo como se fosse pela primeira vez, requer uma atitude de misericórdia e que se possa reconhecer «Jesus no irmão», tal como Jesus disse:

«Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo.’ Então, os justos vão responder-lhe: ‘Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando te vimos peregrino e te recolhemos, ou nu e te vestimos? E quando te vimos doente ou na prisão, e fomos visitar-te?’ E o Rei vai dizer-lhes, em resposta: ‘Em verdade vos digo: Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes (Mt 25,35-40)».

Deste modo, tornaram-se evidentes para Chiara e para as suas companheiras as palavras de Jesus «A Mim o fizestes». Assim, propuseram-se amar cada irmão, sabendo que em cada um estava o próprio Jesus, como afirma Chiara: «Esta arte de amar pede que se veja Jesus em cada próximo, requer que se acredite que em cada irmão está o próprio Jesus, porque Ele considera feito a Si o bem e o mal feito ao próximo»⁶⁷. E porque Jesus considera ser «feito a si» aquilo que se faz ao irmão, este tornou-se um ponto essencial da espiritualidade focolarina: «cada irmão é realmente um “outro Cristo”, se a graça enriquece a sua alma, ou um “outro Cristo” em potência, se faltasse nele a graça»⁶⁸.

Este novo modo de olhar o irmão foi impregnado por Deus no coração dos primeiros focolarinos. Assim, cada palavra, como que iluminada por Deus, revelava o seu dever ser no amor concreto ao irmão. Neste sentido, Chiara, bebendo do «castelo interior» de Santa Teresa d’Ávila, enquanto realidade da alma onde habita a Majestade

⁶⁷ LUBICH, CHIARA, *L’arte di amare*, Città Nuova, Roma, 2008, p. 93.

⁶⁸ LUBICH, CHIARA, *L’arte di amare...*, p. 94.

Divina, coloca em evidência que a vocação dos membros do Movimento não consiste somente em iluminar e edificar esse «castelo interior», mas também o «castelo exterior». Deste modo, Chiara afirma que todo o Movimento é visto como um «castelo exterior» onde Cristo está presente, iluminando todos os seus setores, desde o centro até à periferia; ou seja, este dom que Deus oferece à Igreja está a chegar aos responsáveis da sociedade e da Igreja, permitindo que também estes possam edificar o castelo exterior a partir do interior⁶⁹.

É partindo desta novidade de «Deus Amor», inscrita no coração dos focolarinos, neste desejo de amar a todos, até mesmo os inimigos, que o Movimento dos Focolares foi descobrindo aquilo que estruturava a sua espiritualidade. Assim corrobora Chiara:

«Esta é a nossa grande, enorme descoberta. O mundo que nos rodeia não o sabe. Comunico a novidade àqueles que posso: à minha mãe, ao meu pai, às minhas irmãs, ao meu irmão, às minhas amigas. Nós acreditamos no amor. Esta é a nossa vida. Por isso manifestámos o desejo de ser sepultadas – caso morrêssemos por causa da guerra – num único túmulo com a inscrição, como se fosse o nosso nome, porque era este o nosso “ser”. ‘E nós acreditamos no amor’ (Cf. 1 Jo. 4,16)»⁷⁰.

Desde o princípio do carisma da unidade, foi então evidente que o objetivo da ação das focolarinas seria estar ao serviço de todos, como exorta Chiara, aos membros do Movimento, numa carta dos primeiros tempos: «*Ver-se-á quanto vale a nossa Ideia pelas obras que fazemos: que os homens vejam as nossas obras e glorifiquem o Pai (cf. Mt. 5,16)! Mas façam-nas unicamente por Deus!* Não para as fazer – não para darem nas vistas – não por vocês – mas por Ele! Só isto vos deve bastar para serem operárias ardentíssimas: *Fogos vivos!*»⁷¹.

⁶⁹ Cf. LUBICH, CHIARA, *Um Caminho Novo, a espiritualidade da unidade*, Cidade Nova, Abridada, 2004, pp. 33-34.

⁷⁰ CERINI, MARISA, *Deus Amor na experiência e no pensamento de Chiara Lubich*, Cidade Nova, Parede, 1992, p. 15.

⁷¹ LUBICH, CHIARA, *Cartas dos primeiros tempos*, Cidade Nova, Abridada, 2011, p. 152.

Este amor gera unidade⁷² - mas também gera comunhão, como afirma João Paulo II na *NMI* 42: «A comunhão (*koinonía*), que encarna e manifesta a própria essência do mistério da Igreja. A comunhão é o fruto e a expressão daquele amor que, brotando do coração do Pai eterno, se derrama em nós através do Espírito que Jesus nos dá (cf. Rom. 5, 5), para fazer de todos nós “um só coração e uma só alma” (Act. 4, 32)», e este é o vértice da vida cristã:

«Nesta comunhão o homem não vai mais a Deus isoladamente, mas caminha em conjunto. Este é um facto de uma beleza incomparável, que faz repetir à nossa alma o versículo da Escritura: ‘Vede como é bom e agradável que os irmãos vivam unidos!’ (Sal. 133, 1). No entanto, esta comunhão fraterna não é um êxtase beatífico; mas é uma perene conquista, cujo resultado contínuo não é somente manter a comunhão, mas de a propagar entre todos, porque a comunhão de que se fala é amor, é caridade, e a caridade é difusiva por sua natureza»⁷³.

Assim se percebe que em tão poucos anos se tenha dado uma enorme difusão de toda a Obra, uma verdadeira «explosão» que rompe com as fronteiras europeias e depois se alarga aos outros continentes, abrindo assim caminho para o diálogo entre os católicos, luteranos, ortodoxos bem como com outros credos, numa verdadeira fraternidade universal fundada sobre o amor⁷⁴.

O percurso de diálogo foi sendo, então, consolidado com visível inspiração no Evangelho, pois que se procurava pôr em prática aquilo que a vontade de Deus impulsionava - a viver no mandamento do Amor. Este amor é exemplificado e revelado em Jesus, que nos faz participar da filiação divina e nos dá as premissas para o «amor recíproco», como afirma Chiara: «Jesus, nosso modelo, ensinou-nos duas coisas que são uma: sermos filhos de um único Pai e sermos irmãos uns dos outros»⁷⁵.

⁷² «Esta ‘unidade’ de Jesus entre nós, de Jesus que vive em nós, faz edificar uma unidade de amor – o seu Corpo Místico». Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 161.

⁷³ VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 159.

⁷⁴ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 42.

⁷⁵ VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, pp. 54-55.

Deste modo, escreve Chiara: «o Espírito Santo assim nos fazia compreender que para realizar o «*ut omnes*» no mundo, era necessário consumir-se em nós o abandono, acolher Jesus Abandonado na desunidade»⁷⁶. Antes de ser-lhes revelado «Jesus Abandonado»⁷⁷ como chave da unidade, já o experimentavam nas diversas circunstâncias de desolação, nos pobres que encontravam, nos abandonados e nos doentes; em todos viam o rosto de Jesus⁷⁸. Assim, Chiara compreendeu que, para realizar o testamento de Jesus, deveriam antes de tudo amar-se sem medida, ao ponto de realizar o «mandamento novo de Jesus» – «Que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei»⁷⁹ (Jo 13,34), perdendo a própria maneira de pensar, a própria vontade, até os desejos, a fim de serem um (cf. Jo 17, 20-21). Neste sentido, constatou que o modo de experimentar essa unidade consistia em permanecerem fiéis ao que Jesus lhes pedira (que todos sejam um); somente assim o mundo poderá ver a Unidade⁸⁰.

Numa carta escrita a Chiara por ocasião do sexagésimo aniversário do Movimento, o Papa João Paulo II define os focolarinos como «apóstolos do diálogo»⁸¹, epíteto que compreendemos bem, tendo em conta o que já foi explicitado. De facto, o

⁷⁶ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 64.

⁷⁷ «Jesus Abandonado» é o sexto ponto da espiritualidade focolarina. A manifestação de Jesus Abandonado dá-se no dia 24 de janeiro de 1944. O padre Casimiro pergunta a Chiara se sabia qual o momento em que Jesus tinha sofrido mais. Chiara responde: «Talvez no horto do Getsemani, quando suou sangue» Ele, porém, respondeu: «Penso que tenha sido na cruz quando gritou: ‘Meu Deus, meu Deus, porque Me Abandonaste?’». A partir desse momento, escolheram-No como Ideal de suas vidas (cf. TORNO, ARMANDO, *PortatTi il mondo...*, p. 24).

⁷⁸ Cf. TORNO, ARMANDO, *PortatTi il mondo...*, p. 24.

⁷⁹ Cf. NMI 42: «É por isto que todos saberão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros» (Jo 13,35). Se verdadeiramente contemplámos o rosto de Cristo, amados irmãos e irmãs, a nossa programação pastoral não poderá deixar de inspirar-se ao “mandamento novo” que Ele nos deu: “Assim como Eu vos amei, também vós deveis amar-vos uns aos outros” (Jo 13,34)».

⁸⁰ Cf. LUBICH, CHIARA, *Um Caminho Novo, a espiritualidade da unidade*, Cidade Nova, Abrigada, 2004, p. 56.

⁸¹ Cf. JOÃO PAULO II, «*Mensagem do Papa João Paulo II à fundadora do Movimento dos Focolares, Sr^a Chiara Lubich, no 60º aniversário de fundação*» in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa (4 Dez 2003) 5: «as Focolarinas e os Focolarinos tornaram-se apóstolos do diálogo, como um caminho privilegiado para promover a unidade: diálogo dentro da Igreja, diálogo ecuménico, diálogo inter-religioso, diálogo com os que não têm uma fé religiosa. Nestes sessenta anos, muitas mudanças sociais rápidas e profundas marcaram a vida do mundo! A humanidade tornou-se cada vez mais independente e, procurando interesses passageiros, acabou por perder os seus valores de referência. E agora corre o risco de se encontrar quase “sem alma”, isto é, sem o princípio unificador fundamental de todos os seus projetos e atividades».

carisma da unidade possui uma característica própria que potencializou a dimensão ecuménica, como disse Chiara:

«A espiritualidade do Movimento contém em si elementos muito úteis ao diálogo com as várias Igrejas. O amor e a vida tocaram de forma especial os nossos irmãos e irmãs ortodoxos, coptas, etíopes, arménios, siro-ortodoxos e assírios. Depois, a Palavra de Deus, sublinhada no Movimento de um modo muito especial, abriu uma comunhão com os evangélicos luteranos. A unidade despertou interesse sobretudo nos anglicanos, a começar pelas autoridades. “Onde estão dois ou três unidos no Meu nome, Eu estou no meio deles” (cf. Mt. 18, 20) é, finalmente, a palavra-chave para o diálogo com os irmãos da Igreja reformada»⁸².

Foi a presença de Jesus entre as primeiras focolarinas que as fez tomar consciência de que em Cristo eram todos irmãos, embora distintos nos diversos dons que cada um possuía; porém, era precisamente esta troca de dons que fazia irradiar o «diálogo da vida» abrindo uma nova forma de conversação entre cristãos de várias Igrejas e comunidades eclesiais.

Esta forma de conversação não é somente atribuída aos leigos, mas torna-se património também dos sacerdotes, pastores e bispos. Portanto, não se trata de um diálogo da base que se opõe ao da hierarquia, mas um diálogo de todos aqueles que fazem parte do corpo místico de Cristo que pode e quer favorecer outras formas de conversação e de oração⁸³, e que gera comunhão, como afirma a *NMI*⁸⁴.

⁸² LUBICH, CHIARA, *A Unidade e Jesus Abandonado*, Cidade Nova, Lisboa, 1985, pp. 97-98.

⁸³ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 364.

⁸⁴ Cf. *NMI* 45: cf. nota de rodapé 56 sobre a comunhão na Igreja. De igual modo verificamos que o documento do Pontifício Concílio para o Diálogo Inter-religioso e da Congregação para a Evangelização dos Povos, *Diálogo e Anúncio* 42, apresenta quatro modalidades de diálogo:

- a) Diálogo da vida, onde as pessoas se esforçam por viver num espírito de abertura e de boa vizinhança, compartilhando as suas alegrias e tristezas, os seus problemas e as suas preocupações.
- b) Diálogo das obras, onde os cristãos e os outros colaboram em vista do desenvolvimento integral e da libertação da gente.
- c) Diálogo dos intercâmbios teológicos, onde os peritos procuram aprofundar a compreensão das suas respetivas heranças religiosas, e apreciar os valores espirituais uns dos outros.
- d) Diálogo da experiência religiosa, onde pessoas radicadas nas próprias tradições religiosas compartilham as suas riquezas espirituais, por exemplo, no que se refere à oração e à contemplação, à fé e aos caminhos da busca de Deus e do Absoluto.

O termo «diálogo» é uma realidade importante do caminho que a Igreja começou a percorrer a partir do Concílio Vaticano II, e que se tornou característica da missão da Igreja nos tempos modernos. A grande reflexão sobre o diálogo está presente na encíclica *Eclesiam Suam* do Papa Paulo VI, conceito ao qual o Santo Padre dedica o terceiro capítulo. Neste sentido, o Papa desafia a «Igreja a entrar em diálogo com o mundo em que vive. A Igreja faz-se mensagem, faz-se palavra, faz-se colóquio» (ES 38). Num primeiro momento, Paulo VI apresenta a religião como espaço em que se estabelece a relação de diálogo entre Deus e o Homem. Depois, sublinha que esse diálogo é realizado em quatro círculos: num primeiro círculo, o diálogo «com tudo o que é humano», onde está inserida toda a humanidade (ES 54); no segundo círculo, com os crentes em Deus, ou seja, «os homens que adoram o mesmo Deus único e supremo que nós adoramos» (ES 60); num terceiro círculo, o diálogo é com os irmãos separados, círculo que designou por ecuménico (ES 61); por último, o diálogo no seio da Igreja Católica, em que o diálogo convida os Filhos da Casa de Deus, a Igreja una, santa, católica e apostólica, de que Roma é «mãe e cabeça» (ES 64).

Também congruente com este entendimento é a noção de que o diálogo pode ser compreendido em três níveis distintos, tal como se verifica no documento *DA* n.º 9:

«Em primeiro lugar, em nível puramente humano, significa comunicação recíproca, para alcançar um fim comum ou, em um nível mais profundo, uma comunhão interpessoal. Em segundo lugar, o diálogo pode ser considerado como uma atitude de respeito e de amizade, que penetra, ou deveria penetrar, em todas as atividades que constituem a missão evangelizadora da Igreja. Isto pode ser chamado - com razão - "o espírito do diálogo". Em terceiro, num contexto de pluralismo religioso, o diálogo significa "o conjunto das relações inter-religiosas, positivas e construtivas, com pessoas e comunidades de outros credos para um conhecimento mútuo e um recíproco enriquecimento" (DM 3), na obediência à verdade e no respeito à liberdade».

Para Chiara, sempre foi evidente escutar a voz da Igreja, procurando estar sempre unida ao Papa e à hierarquia, pois entendeu que, somente estando na Igreja e através dela, estaria unida a Deus. Este confiar na voz da Igreja está patente no tempo

em que o Movimento foi alvo de grandes investigações levadas a cabo pela então «Suprema Congregação do Santo Ofício», durante mais de doze anos, devido às fortes acusações dirigidas por aqueles que traziam uma densa mentalidade tradicionalista da Igreja, designando as focolarinas por «aquelas exaltadas» ou então «as sonhadoras»⁸⁵. Para Chiara este foi um período de uma prova dolorosíssima, até porque nessa altura já havia milhares de pessoas que as seguiam. No entanto, confiadas na palavra «Quem vos ouve é a mim que ouve, e quem vos rejeita é a mim que rejeita» (Lc 10,16), sentiam que esta frase lhes revelava o que era verdadeiramente a Igreja, quem eram os seus representantes. Eram uma só coisa com Deus⁸⁶.

2.3. A noção de «anúncio»

O documento do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso e da Congregação para a Evangelização dos Povos, *Diálogo e Anúncio*, apresenta, no seu n.º 10, uma noção de anúncio:

«O *anúncio* é a comunicação da mensagem evangélica, o mistério de salvação realizado por Deus para todos em Jesus Cristo, com o poder do Espírito. É um convite a um empenho de fé em Jesus Cristo a entrar, mediante o batismo, na comunidade dos crentes que é a Igreja. Este anúncio pode fazer-se em forma solene e pública, como aconteceu no dia do Pentecostes (cf. At. 2, 5-41) ou sob forma de simples conversão privada (cf. At. 8, 30-38). Conduz naturalmente a uma catequese que tende a aprofundar esta fé. O anúncio é a base, o centro e o ápice da evangelização (cf. *EN 27*)».

Duas dimensões ressaltam da definição de anúncio: comunicação e convite; isto é, trata-se de comunicar, e não somente de transmitir. É uma comunicação que se deseja cativante, capaz de interpelar os destinatários, de os fazer pensar e mobilizar.

⁸⁵ Cf. ZAMBONINI, FRANCA, *Chiara Lubich - A sua herança...*, p. 39.

⁸⁶ Cf. LUBICH, CHIARA, *O Grito*, Cidade Nova, Parede, 2000, p. 71.

Segundo a «espiritualidade coletiva» do Movimento dos Focolares, a comunicação que metafórica e divinamente incendeia os interlocutores - que não é apenas verbal, mas também não-verbal - encontra as suas raízes nos primeiros tempos do Movimento. Assim, indo às origens da espiritualidade da unidade, verificam-se diversos instrumentos que abrem caminho para uma singular conceção de anúncio, tais como o silêncio, a escuta, a oração pessoal e comunitária, a palavra que também é um meio de comunicação, os colóquios pessoais, o comunicar as experiências da Palavra de Vida, o escrever usando os meios de comunicação, o amor ao irmão, o testemunho pautado pelos votos que têm como finalidade favorecer uma vida ascética, e o diálogo⁸⁷.

Antes de mais, é necessário voltar a recorrer às origens da história do Movimento, a fim de perceber alguns episódios determinantes e que estruturam um novo fulgor de uma radicalidade evangélica. O fascínio das Palavras do Evangelho leva o pequeno grupo daquelas jovens – Chiara e as suas primeiras companheiras - a transmitir a luminosidade que brotava das Escrituras de um modo novo.

A descoberta de «Deus Amor» tornou-se o primeiro ponto da Espiritualidade do Movimento. Conta-nos Chiara:

«Um sacerdote que estava de passagem pediu para me dizer uma palavra. Pediu-me para oferecer uma hora do meu dia pelas suas intenções. Respondo: porque não todo o dia? Sensibilizado por esta generosidade juvenil diz-me: ‘Lembre-se de que Deus a ama imensamente’. É o fulgor. ‘Deus ama-me imensamente’ [...] Digo-o, repito-o às minhas companheiras: Deus ama-te imensamente. Deus ama-nos imensamente»⁸⁸.

São imensos os episódios dos primeiros tempos que nos oferecem uma diversidade de experiências realizadas através do Evangelho vivido e que comunicavam entre si os frutos dessa mesma vida. Seguimos o próprio discurso de Chiara, que nos revela alguns desses episódios:

⁸⁷ Cf. LUBICH, CHIARA, *Um Caminho Novo...*, pp. 24-29.

⁸⁸ CERINI, MARISA, *Deus Amor...*, p. 14.

«Líamos: “Tudo o que fizerdes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt. 25,40). Por causa das circunstâncias terríveis, as pessoas à nossa volta tinham fome, sede, estavam feridas, não possuíam roupas, nem casa. Então preparávamos panelões de sopa, que distribuíamos entre elas. Às vezes, os pobres batiam à porta de casa e os convidávamos a sentarem-se à mesa, ao nosso lado: um pobre e uma de nós, um pobre e uma de nós. O Evangelho garantia: “Pedi e ser-vos-á dado” (cf. Mt. 7, 7; Lc. 11, 9). Pedíamos para os nossos pobres e cada vez nos abarrotavam de todo o tipo de coisas: pão, leite em pó, geleia, lenha, roupas [...], que eram levados a quem deles precisava»⁸⁹.

Os frutos do Evangelho vivido disseminaram-se por si mesmos através de todos quantos passavam ou estavam nas vidas das primeiras focolarinas. A necessidade de transmitir ao maior número de pessoas a descoberta de um Deus que é Pai e que não abandona os seus filhos é premente em Chiara e no Movimento dos Focolares. Não se tratava de ajudar externamente os outros, mas de os ajudar inteiramente, por dentro e por fora, comunicando-lhes o «segredo» que permitia às focolarinas, em tempos tão difíceis, superarem-se a elas mesmas e irradiarem amor. Assim se expressou Chiara num discurso:

«É necessário abrir os olhos ao maior número possível dos nossos irmãos para que vejam, descubram que sorte eles têm, sem muitas vezes o saberem. Não estão sós nesta terra. O Amor existe: têm um Pai que não abandona os filhos ao seu destino, mas que os quer acompanhar, guardar, ajudar. É um Pai que não carrega fardos pesados demais aos ombros dos outros, mas que é o primeiro a transportá-los; que não abandona à pura iniciativa dos homens a renovação da sociedade, mas que é o primeiro a ter esse cuidado. É necessário que os homens saibam isto e a Ele recorram conscientes de que nada Lhe é impossível»⁹⁰.

Mas como irradiar este Amor de Deus à humanidade? Chiara afirma ser necessário «Ser o Amor» para irradiar a presença de Deus no mundo, ou seja, responder ao amor, amando:

«Deus que deve transparecer no nosso espírito, no nosso coração, no nosso rosto, nas nossas palavras, nos nossos atos, no nosso silêncio, no nosso viver, no nosso morrer, no nosso aparecer. Após o nosso desaparecimento da terra, onde pudermos, devemos deixar apenas um rasto luminoso da sua presença, d’ Ele presente em nós, no meio das

⁸⁹ LUBICH, CHIARA, *Ideal e Luz – Pensamento, Espiritualidade, Mundo Unido*, Cidade Nova, São Paulo 2003, pp. 43-44.

⁹⁰ Cit. in CERINI, MARISA, *Deus Amor...*, p. 42.

coisas e ruínas do mundo, que vive ou que desaba, no louvor ou na vaidade de todas as coisas, tudo submetendo ou pondo de parte para dar lugar ao Tudo, ao Único, ao Amor»⁹¹.

Sobre como levar a presença de Cristo aos outros, Chiara diz que é necessário que cada cristão esteja de tal modo impregnado de Cristo, expresso numa autenticidade de vida, que os outros, vendo o seu modo de agir e ser, possam reconhecer nele outro Cristo:

«Portanto, quem nos vir, quem estiver connosco é como se estivesse com Deus e quase que O deve tocar com a mão: um Deus por participação, mas Deus, Deus-Amor. Se formos perfeitos em todos os matizes daquele amor que o Espírito Santo derramou nos nossos corações e se este contagiar os outros, se impulsionar para a relação da alma com Deus, porque a caridade conduz-nos à união com Ele e com os irmãos, então é que somos nós. Deus quer que sejamos pequenos ‘Salvadores’, pequenos Cristo, pequenos sóis, pequenos Deus-Amor»⁹².

Assim, não basta amar o irmão apenas do ponto de vista meramente humano, porque poder-se-ia correr o risco de amá-lo somente pela sua pessoa, deixando resíduos de afetos, e não amá-lo à medida do próprio Jesus. Neste sentido, é necessário um amor que seja doação, tal como se relacionam as Pessoas da Trindade:

«Olhar a humanidade com o olhar de Deus, que tudo crê porque é Amor. Vejo e descubro nos outros a minha própria luz, a minha realidade verdadeira, o meu verdadeiro eu nos outros e, reencontrando-me a mim mesmo, reúne-me a mim ressuscitando-me – amor que é vida – no irmão. Ressuscitando nele Jesus, outro Cristo, outro homem-Deus, manifestação da bondade do Pai aqui em baixo, olhar de Deus sobre a humanidade. Prolongo assim Cristo em mim no irmão e componho uma célula viva e completa do corpo místico de Cristo, célula viva, focolar de Deus, que possui o fogo para comunicar e com ele a luz. [...] Então Cristo revive verdadeiramente em ambos, em cada um e entre nós. Assim, penso que, deixando Deus viver em mim, e deixando que Se ame nos irmãos, descobri-Lo-ia em muitos e muitos olhos iluminar-se-iam pela sua luz»⁹³.

Esta relação dialógica de amor do «eu em ti e tu em mim» expressa a vida trinitária, ou seja, é a manifestação mais profunda da realidade da vida do «Corpo

⁹¹ Cit. in CERINI, MARISA, *Deus Amor...*, p. 45.

⁹² CERINI, MARISA, *Deus Amor...*, p. 46.

⁹³ CERINI, MARISA, *Deus Amor...*, pp. 68-69.

místico, estruturado segundo o modelo da Santíssima Trindade»⁹⁴. Assim, os membros do Movimento são chamados não somente a evangelizar, mas a ser espelhos do amor de Deus para a Humanidade, o que implica ser outro Cristo. Este é o «dever ser» dos membros do Movimento, como postula Chiara: «A palavra, mesmo quando entra em ação, não é apenas uma exposição da fé católica, mas deve-se basear no testemunho [do amor] e deve ser acompanhada pela experiência»⁹⁵. Num escrito de 1954, Chiara diz: «Está a chegar a hora em que devemos voltar a lançar ao mundo o nosso Ideal como um incêndio»⁹⁶.

Noutro escrito, que data de 22 de abril de 1955, Chiara sublinha a importância de se estar ancorado à Cruz, em todo o seu significado teológico, como podemos observar na resposta que dá a uma senhora: «Aproveita a solidão em que te deixou para te encontrares só com Ele só; mas depois vai logo cumprir a Sua vontade, que é fazer incendiar o mundo. Se estiveres na Cruz, atrairás todos a ti... a Jesus»⁹⁷. Este amor levado ao extremo e que atrai toda a humanidade a Si é fonte de graça, como afirma a Exortação Apostólica *Nostra Aetate*⁹⁸.

Num discurso às Focolarinas, em 25 de dezembro de 1962, Chiara conta-lhes como ao verificar que as irmãs de Charles de Foucauld faziam apostolado através do seu hábito; este facto foi determinante para compreender que o específico do apostolado das focolarinas era o seu dever ser:

«Sabes, reparei que aquelas Irmãs fazem apostolado em relação a mim, não com palavras, mas com o hábito. Gostava que também nós o pudéssemos fazer. Mas como é que podemos dar a conhecer Deus? Ah, digo: “Nisto conhecerão que sois meus discípulos: se

⁹⁴ CERINI, MARISA, *Deus Amor...*, p. 69.

⁹⁵ LUBICH, CHIARA, *Um Caminho Novo...*, p. 83.

⁹⁶ LUBICH, CHIARA, *Um Caminho Novo...*, p. 85.

⁹⁷ LUBICH, CHIARA, *Um Caminho Novo...*, p. 86.

⁹⁸ Cf. NA 4: «A Igreja sempre ensinou e ensina, Cristo sofreu, voluntariamente e com imenso amor, a Sua paixão e morte, pelos pecados de todos os homens, para que todos alcancem a salvação. O dever da Igreja, ao pregar, é, portanto, anunciar a cruz de Cristo como sinal do amor universal de Deus e como fonte de toda a graça».

vos amardes uns aos outros”. O amor recíproco era, pois, o nosso hábito. Morrer na caridade recíproca é, para nós, o nosso (específico) apostolado»⁹⁹.

A premissa dos Estatutos do Movimento consiste na presença de Jesus no seu centro. Esta presença permite a visibilidade do amor recíproco, que é a regra nos vários Regulamentos, em todas as ramificações do movimento, como se pode comprovar nos estatutos: «A mútua e contínua caridade, que torna possível a unidade e traz a presença de Jesus à coletividade é, para as pessoas que fazem parte da Obra de Maria, a base da sua vida em cada um dos seus aspetos: é a norma por excelência, a premissa de qualquer outra regra»¹⁰⁰.

Outro meio de apostolado referido pela fundadora é o «Focolar»: O Focolar é uma entidade física da qual fazem parte os membros consagrados do Movimento (leigos consagrados e casados). No entanto, esta realidade é também constituída por núcleos de voluntários e unidades *gen* – abreviatura de “geração nova” –, ou seja, são grupos de pessoas que aderem à espiritualidade do movimento e estão inseridos nos diversos setores da sociedade, seja no mundo do trabalho, na vida da família ou no mundo juvenil. Estes procuram reunir-se periodicamente para partilhar os frutos da vivência da espiritualidade, que procuraram pôr em prática nos seus ambientes. De igual modo, os sacerdotes, os consagrados na vida religiosa procuram fazê-lo dentro das suas possibilidades, encontrando momentos para, em grupos semelhantes, fazerem a partilha desta mesma vida. Outra vertente desta comunhão expressa-se por motivos específicos de missão (em associações, entidades públicas ou privadas), nas assim chamadas

⁹⁹ LUBICH, CHIARA, *Um Caminho Novo...*, p. 89.

¹⁰⁰ OPERA DI MARIA, *Statuti Generali*, Città Nuova, Roma, 1999, art. 5.

“células de ambiente”¹⁰¹. Mas ela expressa-se também em todas as outras estruturas da vida comunitária do Movimento.

Chiara, realçou também que era necessário ser Palavra viva, ser um outro Jesus. E porque Jesus é a Palavra, e n’Ele estão todas as Palavras, de igual forma aqueles que vivem de modo a ser Palavra tornam presente Jesus. Neste âmbito, Chiara escreve numa carta de 18 de abril de 1950:

«Identificar-se com Jesus, ser outro Jesus, alimentar a Sua Vida em nós, sendo Palavra viva: eis o Ideal. E isto para todos os que estão ao nosso lado, sem aceção de pessoas. É tudo. E, depois, logo que o Ideal abra uma brecha numa alma, una-a a si, para que Jesus esteja vivo entre vós e n’Ele encontrem a força para conquistar outras almas, no perfeito amor a Deus»¹⁰².

É o poder persuasivo de uma vida inspirada por Deus-Amor, imitando Jesus Cristo, que faz com que o Movimento dos Focolares, em particular, e outros Movimentos eclesiais, em geral, se venham a tornar um motivo de esperança para a Igreja do terceiro milénio, devido à frescura evangélica que transportam consigo, tal como foi declarado no segundo Sínodo dos Bispos para a Europa, em outubro de 1999:

«Os novos Movimentos e Comunidades eclesiais contribuem para que os cristãos vivam com maior radicalidade segundo o Evangelho; são viveiros de diversas vocações e geram novas formas de consagração; de modo especial, promovem a vocação laical e realizam-na nos diversos âmbitos da vida; suscitam a santidade de povo; podem ser anúncio de encorajamento para aqueles que, de outra forma, não teriam encontrado a Igreja; muitas vezes apoiam o caminho ecuménico e abrem vias para o diálogo entre as religiões; são um remédio contra a difusão das seitas; é também de grande importância o facto de infundirem na Igreja um impulso e um espírito de alegria»¹⁰³.

¹⁰¹ «Dizem-se “células de ambiente” a pequenos grupos formados por membros do movimento nas suas diversas vertentes, mas que se encontram agrupados por motivos “fortuitos” e pelo facto de estarem a trabalhar juntos num mesmo local; aí se tornam “fermento” no meio do mundo. Deste modo, ao partilharem os mesmos espaços, quer no trabalho quer na escola, são “fermento” no meio da sociedade. Independentemente das suas faixas etárias, criam células de ambiente ajudando-se mutuamente e suscitando “focos” que irradiem esse mesmo ambiente com a espiritualidade».

¹⁰² LUBICH, CHIARA, *Viver A Palavra*, Cidade Nova, Abrigada, 2012, p. 26.

¹⁰³ LUBICH, CHIARA, *O Grito*, Cidade Nova, Roma, 2000, p. 138.

2.4. *Conciliação de diálogo e anúncio*

A *espiritualidade coletiva*¹⁰⁴ sempre estabeleceu uma forte correspondência entre o diálogo e anúncio, pois somente numa relação dialógica com o outro é que se faz apostolado, ou seja, é que se anuncia. Deste modo, desde sempre se tornou claro para os focolarinos que o anúncio do Evangelho devia ser acompanhado pela experiência de vida, através de gestos concretos e sem fazer distinção de qualquer pessoa, e que esse modo de comunicar¹⁰⁵ devia abranger a todos e devia ser semelhante ao modo de comunicar entre a Trindade - «Eu e o Pai somos um» (cf. Jo 10,30). Assim, analogicamente, o sujeito eclesial deveria anunciar e testemunhar através da vida e do pensamento este Absoluto, de modo a poder-se dizer entre os seus membros: eu e o outro, em Cristo, somos um¹⁰⁶. Neste sentido, pode afirmar-se que a Igreja é a comunhão das pessoas no único Cristo, no qual todos somos um¹⁰⁷.

As palavras de Mt 25, 40 («Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes») suscitaram no primeiro grupo de focolarinas um novo impacto que contagiava a vida daqueles que com elas estabeleciam contacto. Assim, tornou-se evidente entre os membros do Movimento que deviam amar a todos ao ponto de se tornarem uma coisa só. Esta certeza já estava expressa nas

¹⁰⁴ Cit. in LUBICH, CHIARA, *Um Caminho Novo...*, pp. 17-18. Diz o Padre Jesús Castellano «existe uma espiritualidade comunitária, eclesial, à maneira do Corpo místico. Fala-se geralmente desta espiritualidade como de uma característica actual, de uma corrente de espiritualidade do nosso século, século da redescoberta da Igreja. Mas aquele “algo mais” que o Movimento nos dá com a espiritualidade colectiva é a visão e a praxis de uma comunhão, de uma vida eclesial “à maneira do Corpo místico”, onde existe a reciprocidade do dom pessoal e a dimensão do tornar-se “um”». Prossegue o padre Castellano «existe sem duvida a espiritualidade centralizada na inabitação trinitária, mas a nível individual. [...] Como se diz no Movimento dos Focolares: se a Trindade está em mim e está em ti, então a Trindade está entre nós, estamos em relação trinitária. Então o nosso relacionar-se é segundo a Trindade, ou melhor, é a Trindade que vive em nós esta relação».

¹⁰⁵ Cf. DM 3: Neste sentido também o documento *Diálogo e Missão* descreve que a Igreja se torna, por assim dizer, sujeito de diálogo e que este não se resume só no «colóquio, mas também o conjunto das relações inter-religiosas, positivas e construtivas, com pessoas e comunidades de outras confissões religiosas, para um mútuo conhecimento e um recíproco enriquecimento».

¹⁰⁶ ZANGHI, GUISEPPE MARIA, *Chiesa icona della Trinità, per il dialogo e l'annuncio*, in Nuova Umanità, Città Nuova, Roma, 84, novembre-dicembre 1992, p. 57.

¹⁰⁷ ZANGHI, GUISEPPE MARIA, *Chiesa icona della Trinità...*, p. 57.

palavras do Apóstolo São Paulo quando afirmou: «fiz-me tudo para todos, a fim de ganhar alguns» (cf. 1 Cor 9, 22). Sobre o modo de «fazer-se um», Chiara afirma ser necessário uma contínua morte de nós mesmos, ou seja, um contínuo esvaziar-se de si mesmo para poder acolher o outro. De facto, não se pode entrar na mente do outro para compreendê-lo ou para partilhar os seus sofrimentos ou alegrias, se o nosso espírito estiver cheio de si mesmo, de um julgamento, ou de qualquer coisa. O «fazer-se um» implica ter um espírito pobre, capaz de acolher. Apenas sendo pobre em espírito se torna possível a unidade¹⁰⁸.

Outro aspeto relevante nesta arte de se «fazer um» com o próximo é, segundo Chiara, a necessidade de esquecer tudo aquilo que se faz de belo, útil e de grande, a fim de estar prontos a «fazer-se um» com aquela medida máxima ao ponto de morrer pelo outro¹⁰⁹.

Mas é precisamente por esta gratuidade de amor que o próximo, amado deste modo, mais cedo ou mais tarde, é conquistado por Cristo que vive em nós, sobre o esvaziamento do nosso Eu. Por conseguinte, quando o amor conquista o irmão, este responde ao nosso amor com o seu amor. Esta gratuidade de amor gera a reciprocidade¹¹⁰. Neste sentido, Chiara afirma que o amor autêntico e genuíno gera comunhão, e este amor tem o seu vértice em Jesus Cristo: «Cristo é Amor, e o cristão não pode não sê-lo. E o amor gera a comunhão: a comunhão como base da vida cristã e como vértice»¹¹¹. Porém, esta comunhão fraterna não é um êxtase beatífico mas trata-se antes de uma conquista perene e contínua, porque se trata de uma comunhão que é caridade e a caridade é difusiva por sua natureza¹¹². Este amor traduz-se em gestos

¹⁰⁸ LUBICH, CHIARA, *L'arte di amare*, Città Nuova, Roma, 2008, p. 71.

¹⁰⁹ LUBICH, CHIARA, *L'arte di amare...*, p. 73.

¹¹⁰ Cf. LUBICH, CHIARA, *Um Caminho Novo...*, p. 43.

¹¹¹ VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p.159.

¹¹² Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p.159.

concretos; não é uma filantropia, mas é o próprio modo de viver evangélico: «Se alguém disser: “Eu amo a Deus”, mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso; pois aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê» (1Jo 4, 20). Neste sentido, é necessário amar cada próximo como a si mesmo, isto é, fazer minhas as suas alegrias ou dores¹¹³. Deste modo, amar o irmão requer uma atitude nova que vá além do meramente humano, mas ter um olhar sobrenatural, ou seja, amar como Jesus o ama.

Outro aspeto que ressalta como o «algo mais» da espiritualidade coletiva é a reciprocidade e a unidade, que visam implementar mediante a caridade recíproca entre eles. Com o objetivo de alcançar esta unidade, os focolarinos procuram manter sempre viva entre eles a presença de Jesus no meio, segundo a promessa de Jesus: «Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles.» (Mt 18, 20). A mútua e contínua caridade, que torna possível a unidade e traz a presença de Jesus na coletividade, é, para as pessoas que fazem parte da Obra de Maria, a base da sua vida em cada aspeto: é a norma das normas, a premissa de todas as regras¹¹⁴.

Outro aspeto, que constitui um ponto essencial na vida do movimento, é a importância das Palavras da Escritura, não somente porque nos falam de Jesus, mas porque são o próprio Jesus. Deste modo, descreve Iginio Giordani:

«Cada semana as focolarinas viviam uma ‘Palavra de vida’¹¹⁵. Isto significava meditá-la e traduzi-la em atos de modo que, dia após dia, a inteligência e a aplicação do Evangelho crescessem. Imitavam Maria que recolhia palavras e acontecimentos de origem divina e os meditava no seu coração: assim, lentamente, assimilavam o pensamento de Deus e conformavam-se à sua vontade»¹¹⁶.

¹¹³ VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p.133.

¹¹⁴ Cf. OPERA DI MARIA, *Statuti Generali...*, art. 8.

¹¹⁵ «Palavra de vida (cf. Fl. 2, 16) é uma frase da Escritura que mensalmente se procura aprofundar e viver no âmbito do Movimento»; Cf. LUBICH, CHIARA, *Um Caminho Novo...* p. 26.

¹¹⁶ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um povo nascido...*, p. 58.

Deste modo, tornou-se evidente que era necessário comunicar as experiências da Palavra vivida, pois estavam conscientes de que a vida espiritual somente progride quando é comunicada¹¹⁷. Assim, as Palavras do Evangelho, uma vez assumidas e nelas encarnadas, tornavam-se Palavras Vivas. No entanto, a Fundadora sublinha não ser suficiente por si só que cada um viva a Palavra, mas é necessário comunicarmos uns aos outros, reciprocamente, as nossas experiências acerca dela. Deste modo, os membros do Movimento evangelizam-se não apenas individualmente, mas também como comunidade¹¹⁸.

Do mesmo modo, também o diálogo e o anúncio estão orientados para comunicar a verdade salvífica¹¹⁹. Assim, com base no Amor e no respeito mútuo, abrimos caminho para o diálogo inter-religioso¹²⁰ e também para o diálogo ecumênico. Diz Chiara: «Não nos deixemos, esta manhã, sem termos formulado, no nosso coração, um pacto recíproco de amor evangélico. O Pai celeste ficará consolado e sentir-se-á encorajado a abrir rapidamente outras estradas cheias de frutos para a unidade»¹²¹.

Deste modo, constata-se que é necessário estabelecer com cada próximo um amor concreto que não é feito somente de palavras ou de sentimentos. Isto requer a capacidade não só de se fazer um com o próximo, como também de estar aberto a todos.

¹¹⁷ Cf. LUBICH, CHIARA, *Um Caminho Novo...*, p. 26.

¹¹⁸ Cf. LUBICH, CHIARA, *Um Caminho Novo...*, p. 46.

¹¹⁹ Cf. DA 2: «O anúncio e o diálogo — cada um no próprio âmbito — são ambos considerados elementos componentes e formas autênticas da única missão evangelizadora da Igreja. Ambos são orientados para a comunicação da verdade salvífica».

¹²⁰ Cf. RM 55: «O diálogo inter-religioso faz parte da missão evangelizadora da Igreja. [...] Na verdade, a missão tem por destinatários os homens que não conhecem Cristo e o seu Evangelho, e pertencem, na sua grande maioria, a outras religiões. [...] O Concílio e o Magistério nunca deixaram de afirmar que a salvação vem de Cristo, e o diálogo não dispensa a evangelização. À luz do plano de salvação, a Igreja não vê contraste entre o anúncio de Cristo e o diálogo inter-religioso; sente necessidade, porém, de os conjugar no âmbito da sua missão *ad gentes*».

¹²¹ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo...* p. 371.

Este amor concreto é muito importante para poder estabelecer com todos os irmãos um verdadeiro e fraterno diálogo¹²².

Este diálogo requer uma enorme abertura ao outro, o que significa ter uma sã convivência entre as pessoas, de modo que possam expor as suas ideias ainda que distintas, e exista um respeito em escutar com tranquilidade o que o outro tem a dizer, manifestando um amor sincero para com aquele que está a falar, a fim de encontrar forma que possa esclarecer as suas incompreensões. No sentido mais autêntico da palavra, este diálogo requer que se conheça a religião do outro. Isto implica entrar na sua pele, olhar o mundo como ele olha, perceber o que significa para ele ser budista, muçulmano ou hindu¹²³; em suma, encontrar os pontos que permitem caminhar juntos em direção à verdade e colaborar num trabalho de interesse comum¹²⁴.

2.5. Os Diálogos

Abordarei particularmente cada um dos “cinco diálogos” que constituem amostra substancial dos escritos do Movimento – Diálogo no interior da própria Igreja, Diálogo ecuménico, Diálogo inter-religioso, Diálogo com as pessoas de convicções “não religiosas”, Diálogo com a sociedade e a cultura.

Em harmonia com uma definição de diálogo¹²⁵ que envolve e compromete as pessoas, Chiara Lubich salienta como o diálogo se consubstancia na própria vida que se

¹²² Cf. VANDELEENE, MICHEL, Chiara Lubich, *La Dottrina spirituale...*, p. 465.

¹²³ Cf. VANDELEENE, MICHEL, Chiara Lubich, *La Dottrina spirituale...*, p. 465.

¹²⁴ Cf. DM 13: «Há o diálogo, no qual os cristãos encontram os que seguem outras tradições religiosas para caminhar em conjunto em direção à verdade e colaborar em ações de interesse comum. Há o anúncio e a catequese, quando se proclama a boa notícia do Evangelho e se aprofundam as suas consequências para a vida e para a cultura».

¹²⁵ Cf. UUS 28: A encíclica «*Ut Unum Sint*» de João Paulo II faz referência a uma conceção de diálogo: «O diálogo é passagem obrigatória do caminho a percorrer para a autorrealização do homem, tanto do indivíduo como de cada comunidade humana. Embora do conceito de «diálogo» pareça emergir em

abre no contacto com as mais diversas entidades, religiosas, políticas, sociais e culturais. Importa realçar que Chiara nunca pensou em fundar um Movimento, nem tão pouco havia pensado em constituir todas estas estruturas que foram surgindo (e que descrevemos como considerámos oportuno para o objeto deste estudo). No entanto, impelida por um forte desejo de amar somente a Deus com toda a radicalidade de sua vida, percebe que o próprio Deus a vai instruindo e que Ele próprio vai construindo aquilo que viria a constituir o Movimento dos Focolares.

Assim, atraídas por esta nova forma de viver o Evangelho, vê-se primeiramente florescer uma comunidade de jovens que seguem Chiara a viver no Focolar. Depois, todos aqueles que contactavam com o modo de viver destas jovens eram contagiados pela presença divina que entre elas transparecia. Desta sua forma de viver cada frase do Evangelho, abriu-se um interesse comum em partilhar essa experiência, comunicação da vida do Evangelho que suscitava um forte impacto entre as diversas Igrejas e comunidades. Deste modo, com os contactos que se estabeleceram com os líderes das outras confissões cristãs, Chiara constatou que existia um património comum: «primeiramente vivíamos como se tudo aquilo não fosse realmente verdadeiro, ou não estávamos de todo conscientes disto. Agora, damo-nos conta de que somos a condição para poder realizar um diálogo: o diálogo da vida»¹²⁶. Neste âmbito, estabelecem-se os primeiros contactos com luteranos e evangélicos, abrindo assim caminho para o diálogo ecuménico. Contudo, nos anos quarenta e cinquenta não eram habituais os temas como «unidade» e «ecumenismo». De facto, a primeira publicação da expressão «unidade» foi

primeiro plano o aspeto cognoscitivo (*dia-logos*), todo o diálogo contém em si uma dimensão global, existencial. Por isso, ele compromete o indivíduo humano na sua totalidade; o diálogo entre as comunidades empenha, de modo particular, a subjetividade de cada uma delas. Esta verdade sobre o diálogo, expressa com tanta profundidade pelo Papa Paulo VI na Encíclica *Ecclesiam suam*, foi também assumida pela doutrina e pela prática ecuménica do Concílio. O diálogo não é apenas uma troca de ideias; de algum modo, é sempre um «intercâmbio de dons».

¹²⁶ Cit. in BACK, JOAN PATRICIA, *Una Spiritualità per il dialogo ecuménico*, in *Nuova umanità*, Roma, maggio/guigno, 2008/3, p.395.

usada no sentido evangélico pelo padre Veuthey. Nos anos cinquenta, o jesuíta francês Charles Boyer, pioneiro do ecumenismo, interessou-se por saber mais sobre a vida dos Focolares e, conversando em Roma com Chiara, perguntou-lhe se o Movimento se interessava pelo ecumenismo, ao que Chiara, na altura, respondeu que não¹²⁷.

2.5.1. Diálogo no interior da própria Igreja

A paixão que Chiara nutria pela Igreja levou-a a imaginar como deveria ser o desígnio de Deus para a humanidade, como vinha em evidência no Novo Testamento: ícone de Trindade. Com efeito, Chiara sabia que «o cristianismo ensina no campo do relacionamento entre as pessoas – amar, conhecer-se, fazer-se um com os outros até ao ponto de poder comunicar os dons que Deus deu – pelo que deve ser transferido para um plano mais amplo, desde conhecer, estimar e amar os outros movimentos e obras da Igreja, a suscitar e aumentar entre todas a recíproca comunhão de bens espirituais»¹²⁸.

Os primeiros contactos no interior da Igreja realizados pelos focolarinos iniciaram-se nos anos quarenta, com diversos grupos de leigos que estavam a nascer em Itália e nos outros países, para uma mobilização das forças católicas diante dos problemas colocados pelo ateísmo e pelo laicismo¹²⁹.

Nos primeiros anos do Movimento, estabeleceram-se muitos contactos com outros fundadores de Movimentos, suscitando uma estima recíproca e interesse comum para trabalhar em conjunto no âmbito eclesial. Assim, por exemplo, no ano de 1947, Chiara encontrou-se com o padre Leone Veuthey que, em 1945, tinha iniciado a

¹²⁷ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 358; cf. FOLONARI, GIULIA, *Uma Partitura Escrita no Céu...*, p.86.

¹²⁸ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 341.

¹²⁹ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 341.

«Cruzada da caridade»; depois, no ano de 1956, dá-se o encontro com o padre Riccardo Lombardi que tinha dado início ao «Movimento para um Mundo Melhor»; iniciaram-se outros contactos com o padre Patrick Peyton, fundador da «Cruzada do Rosário em família», a quem Chiara escreveu: «Nós segui-lo-emos nas suas atividades, que sentimos também um pouco nossas»; e com o padre Pedro Richards, fundador do «Movimento Familiar Cristão», no ano de 1948, a quem Chiara escrevia: «Pode acontecer que o Senhor queira alguma colaboração concreta entre o nosso movimento e o seu»¹³⁰. Entre os anos cinquenta e sessenta estabelecem-se, também, os contactos com o Movimento «Oásis», fundado pelo padre jesuíta Virginio Rotondi. Mais tarde, foi a vez dos carismáticos, graças ao interesse do Cardeal Suenens¹³¹.

Durante muitos anos, foi o padre Silvano Cola quem, no Movimento dos Focolares, assumiu a responsabilidade pelo diálogo dentro da própria Igreja, tendo como objetivo seguir as relações que suscitassem «uma maior comunhão dentro da Igreja»¹³².

A cooperação mais contínua foi realizada com o «Movimento para um Mundo Melhor», devido ao seu próprio programa de viver «como o corpo místico», em reação aos muitos desvios doutrinários e sociais da época. A finalidade destes encontros de estima recíproca entre os diversos Movimentos e seus fundadores, era a de potenciar a comunhão entre ambos e nunca destruir a ação e obra de Deus, tal como sublinhou Chiara num encontro com o «Movimento para um Mundo Melhor», advertindo que, embora cada um pudesse colocar tudo em comum como fruto do seu carisma, cada um deveria ficar com o seu próprio Movimento. Por outro lado, Chiara evidenciou a

¹³⁰ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 341.

¹³¹ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 341.

¹³² FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 341.

presença de Jesus no meio de cada espiritualidade e que a Sua presença nunca destrói os carismas dos fundadores, mas potencia-os¹³³.

Sucederam-se muitos contactos entre Chiara e outros fundadores de movimentos e congregações religiosas importantes na vida e ação da Igreja: com o professor Werenfried Van Straaten, fundador da «Ajuda à Igreja que Sofre»; com o padre Giovanni Rossi, fundador da «*Pro Civitate Christiana*»; com Madre Teresa de Calcutá, fundadora das «Irmãs da Caridade»; com o professor Andrea Riccardi, fundador da «Comunidade de Santo Egídio»; com Salvatore Martinez, coordenador do «Renovamento Carismático»; com o dom Luigi Giussani, fundador de «Comunhão e Libertação»; com Kiko Arguello, fundador do «Caminho Neocatecumenal», e também com o Movimento de Schönstatt¹³⁴.

O primeiro encontro entre Chiara e o professor Andrea Riccardi, fundador da «Comunidade de Santo Egídio», dá-se no ano de 1997: «Estes dois carismas reconheciam-se inspirados e animados pela ação do Espírito Santo, chamados a atuar na Igreja, através do seu perfil mariano. A alegria foi grande não só nos respetivos fundadores, mas em todos os aderentes de ambos os movimentos. Experimentou-se que quanto mais um movimento ama o outro mais é ele próprio»¹³⁵.

O grande objetivo de estabelecer pontes entre os diferentes carismas e seus fundadores foi o de procurar responder aos desafios da Igreja para a edificação de uma «Igreja-Comunhão»¹³⁶, noção que estava a surgir no Magistério como resposta à participação ativa dos leigos na vida e no desenvolvimento da Igreja¹³⁷

¹³³ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 342.

¹³⁴ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 342-346.

¹³⁵ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 344.

¹³⁶ O Papa João Paulo II, na *NMI* 43, afirma que é necessário «fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão». E evidencia algumas iniciativas concretas: «é preciso *promover uma espiritualidade da comunhão*, elevando-a ao nível de princípio educativo em todos os lugares [...] onde se educam os

O momento mais crucial para a consagração desta realidade na vida da própria Igreja realizou-se na Vigília de Pentecostes de 1998, a que já aludimos, quando, a convite do Papa João Paulo II, os fundadores de Movimentos e Novas Comunidades se reuniram em Roma, na Praça de São Pedro. Foi uma verdadeira «Primavera da Igreja», onde cerca de 400.000 pessoas expressaram este colorido multifacetado de vários carismas¹³⁸.

Neste sentido, o Papa lançou o desafio aos diversos fundadores de levarem por diante o caminho iniciado para a comunhão entre todos. Respondendo a este apelo proposto pelo Papa, Chiara faz a seguinte promessa: «Sabemos que a Igreja deseja a comunhão plena entre os movimentos, a sua unidade que, de resto, já começou. Mas nós queremos assegurar-lhe que, sendo o nosso carisma específico a unidade, nos empenharemos com todas as nossas forças para contribuir para a sua plena realização»¹³⁹.

O Pentecostes de 1998 foi, como já vimos, um ponto de partida para sucessivos encontros entre os diversos Movimentos e as Novas Comunidades, a fim de dar continuidade ao projeto iniciado de uma Igreja-comunhão. Na sua sequência, realizou--

ministros do altar, os consagrados, os agentes pastorais, onde se constroem as famílias e as comunidades. Espiritualidade da comunhão significa em primeiro lugar ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade. [...] Espiritualidade da comunhão significa também a capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo místico, isto é, como “um que faz parte de mim”, para saber partilhar as suas alegrias e os seus sofrimentos, para intuir os seus anseios e dar remédio às suas necessidades [...]. Espiritualidade da comunhão é ainda a capacidade de ver antes de mais nada o que há de positivo no outro, para acolhê-lo e valorizá-lo como dom de Deus: um “dom para mim”. Por fim, espiritualidade da comunhão é saber “criar espaço” para o irmão, levando “os fardos uns dos outros” (*Gal 6, 2*) e rejeitando as tentações egoístas que sempre nos insidiam e geram competição, arrivismo, suspeitas, ciúmes».

¹³⁷ Sobre a vocação e a ação dos leigos na Igreja, a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* do Concílio Vaticano II afirma: «Por vocação própria, compete aos leigos procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus». [...] São chamados por Deus para que, aí, exercendo o seu próprio ofício, guiados pelo espírito evangélico, concorram para a santificação do mundo a partir de dentro, como o fermento, e deste modo manifestem Cristo aos outros, antes de mais pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade» (LG 31). E mais a frente: «E procurando cooperar com a sua atividade evangelizadora da Igreja, todos testemunham, na variedade, a admirável unidade do Corpo místico de Cristo: a própria diversidade de graças, ministérios e atividades, consagra em unidade os filhos de Deus, porque “um só e o mesmo é o Espírito que opera todas estas coisas” (1 *Cor.* 12, 11)» (LG 33).

¹³⁸ Cf. VANDELEENE, MICHEL, Chiara Lubich, *La Dottrina spirituale...*, p. 440.

¹³⁹ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 346.

se em Speyer, na Alemanha, no ano de 1999, um novo encontro, que reuniu 174 pessoas entre fundadores e responsáveis internacionais e nacionais de 41 novas comunidades e movimentos. Deste modo procuravam responder ao apelo do Papa:

«Vós quereis assumir diretamente e junto com os outros movimentos a responsabilidade do dom do Senhor recebido naquele 30 de Maio de 1998, impulsionados pela «exigência de convergir na comunhão eclesial, de comunicarem com gestos concretos os dons recebidos, de se apoiarem nas dificuldades e de cooperar para enfrentarem juntos os desafios da nova evangelização»¹⁴⁰.

Na abertura do encontro, Chiara, dirigindo algumas palavras a todos os participantes, disse: «Partamos de onde já estamos unidos, ou melhor, da finalidade geral de cada realidade eclesial, a perfeição da caridade»¹⁴¹. Descrevendo depois as características da caridade cristã, convidou a pô-las em prática, começando «a amar os participantes de um outro movimento como amamos os nossos»¹⁴². A atmosfera de comunhão vivida entre todos levou Andrea Riccardi a expressar a importância do encontro dizendo: «Os diversos movimentos encontram-se como partes de um movimento do Espírito que marcou profundamente a Igreja deste século»¹⁴³. Na conclusão desse encontro, D. Stanislaw Rylko salientou: «Nestes dias repetiu-se, de certo modo, o milagre do Cenáculo. Partimos mais fortes na nossa identidade eclesial e com mais coragem»¹⁴⁴.

Um novo encontro teve lugar em 2001, em Castelgandolfo, para uma reflexão sobre a «Nova Evangelização». Nessa ocasião, Chiara, no seu discurso, citando o Papa, disse: «A Evangelização é o esforço da Igreja de proclamar a todos que Deus os ama,

¹⁴⁰ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, pp. 348-349.

¹⁴¹ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 349.

¹⁴² FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 349.

¹⁴³ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 349.

¹⁴⁴ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 350.

que ofereceu a sua vida por eles em Cristo Jesus, e que os convida a uma vida eterna de felicidade»¹⁴⁵.

Nos anos que se seguem ao ano do Jubileu, abre-se mais uma etapa do diálogo dentro da própria Igreja, entre as grandes famílias religiosas antigas, mas que mantêm o carisma sempre vivo, como os beneditinos e franciscanos. Desta vida que brota de um respeito recíproco na diversidade de carismas, surge um projeto comum para dar uma alma cristã à Europa, de que surge a jornada, já referida, «Juntos pela Europa», realizada em maio de 2004, em Estugarda (Alemanha), com o objetivo de realizar, ao lado da Europa política ou económica, uma «Europa do Espírito»¹⁴⁶.

De acordo com Chiara Lubich, o principal protagonista a trabalhar no coração de todos aqueles que contribuíram para esta jornada foi Jesus: «Jesus, Jesus que estava espiritualmente presente no meio de todos, porque tantos estavam empenhados a mantê-lo vivo constantemente, com o seu amor recíproco a todo o custo, e com um amor total a cada um. De facto, é Jesus Ressuscitado o primeiro segredo de tanta riqueza e beleza. Ele é o princípio, o meio e o fim da nossa comunhão»¹⁴⁷.

¹⁴⁵ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p.351. Neste âmbito, o Papa João Paulo II na Carta Encíclica *Redemptoris Missio* 33 apresenta, sobre o ponto de vista da Evangelização, três situações distintas: em primeiro lugar, o contexto sociocultural que nos envolve; um segundo aspeto sublinha as comunidades cristãs que não estão suficientemente amadurecidas; um terceiro aspeto - realça as comunidades cristãs que possuem sólidas estruturas eclesiais: «Finalmente, existe a situação intermédia, especialmente nos países de antiga tradição cristã, mas, por vezes, também nas Igrejas mais jovens, onde grupos inteiros de batizados perderam o sentido vivo da fé, não se reconhecendo já como membros da Igreja e conduzindo uma vida distante de Cristo e do Seu Evangelho. Neste caso, torna-se necessária uma “nova evangelização”, ou “reevangelização», (RM 33).

¹⁴⁶ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 443.

¹⁴⁷ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 445.

2.5.2. *Diálogo ecuménico*

O diálogo de comunhão que cresce entre os diversos movimentos suscitou no coração dos fundadores o desejo de levar esta experiência de comunhão também aos movimentos de outras Igrejas e comunidades eclesiais, fomentando um «diálogo da vida»¹⁴⁸. Abre-se, assim, uma nova etapa no que respeita ao diálogo ecuménico. Todavia, o «diálogo da vida» não é um diálogo isolado: não pretende excluir os outros diálogos, que são importantes. Não consiste num diálogo de base que se contrapõe ou sobrepõe àquele dos responsáveis das Igrejas, mas, antes, pode favorecer o diálogo teológico, porque consiste num diálogo do amor, o «ecumenismo espiritual» que envolve todo o povo de Deus, desde os bispos aos fiéis, cada um com a própria responsabilidade na Igreja¹⁴⁹.

Ainda que até aos anos 60 não se falasse de diálogo ecuménico, verifica-se que, desde os inícios do Movimento, Chiara intuiu que a espiritualidade da unidade haveria de abranger as pessoas de todas as idades, classes, culturas, países, de modo que se pudesse atualizar aquela frase do Evangelho de São João «Que todos sejam um»¹⁵⁰.

Com outras confissões cristãs o primeiro encontro realizou-se na Alemanha, em 1961. Nele, alguns pastores evangélico-luteranos reuniram-se para ouvir Chiara, que lhes falou a partir da sua experiência e da espiritualidade da unidade, e de como esta tinha um alcance ecuménico¹⁵¹.

¹⁴⁸ Assim afirma a *Redemptoris Missio*: «ao diálogo, abre-se um vasto campo, podendo ele assumir múltiplas formas e expressões: desde o intercâmbio entre os peritos de tradições religiosas ou com seus representantes oficiais, até à colaboração no desenvolvimento integral e na salvaguarda dos valores religiosos; desde a comunicação das respetivas experiências espirituais, até ao denominado “diálogo de vida”, pelo qual os crentes das diversas religiões mutuamente testemunham, na existência quotidiana, os próprios valores humanos e espirituais, ajudando-se a vivê-los em ordem à edificação de uma sociedade mais justa e fraterna» (RM 57).

¹⁴⁹ Cf. BACK, JOAN PATRICIA, *Una Spiritualità per il dialogo ecuménico...*, p.395.

¹⁵⁰ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 57.

¹⁵¹ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 358.

A partir desse momento, abriu-se caminho para uma série de encontros. Num deles, Chiara escreveu no seu diário: «Ao almoço convidamos o cónego inglês Pawley com a sua senhora. Ele representa a Igreja anglicana em Roma. [...] Diz- -se admirado pelo espírito que nos move». Depois, afirma que o Movimento «é uma ponte sobre a qual católicos e luteranos se podem encontrar»¹⁵².

Os encontros vão-se multiplicando, abrindo espaço a outros que estão interessados em construir pontes e em conhecer este novo estilo de vida evangélica. Assim descreve Gabriela Fallacara, co-responsável do «Centro Uno» para o ecumenismo nos Focolares: «Em 1965, alguns ministros anglicanos ingleses, presentes em Rocca di Papa num encontro ecuménico, ficaram tão interessados que desejaram que, no ano seguinte, se fizesse uma viagem a Roma de cem ingleses, anglicanos e católicos, para um encontro que se revelaria o início concreto do diálogo»¹⁵³.

Esta forma de vida evangélica característica dos membros do Movimento permitiu estabelecer um relacionamento também com a Igreja reformada da Suíça. Assim, no ano de 1956, o arquiteto Hans Brüttsch estabeleceu o primeiro contacto com os Focolares na cidade de Milão. Contudo, os primeiros encontros em que participaram pastores reformados realizaram-se só desde 1959 a 1964, em Herrliberg e Männedorf. No ano de 1960, realizou-se um encontro ecuménico em Nidelbad, durante o qual os padres católicos Joseph Gleich e Fritz Gnädiger apresentaram a espiritualidade da unidade a pessoas de várias Igrejas¹⁵⁴.

Por seu lado, o início do diálogo entre a Igreja ortodoxa e o Movimento dos Focolares realizou-se no ano de 1967, através de um convite feito pelo Patriarca Atenágoras I para Chiara se deslocar a Istambul. Nesse encontro, o Patriarca Atenágoras

¹⁵² Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, pp. 358-359.

¹⁵³ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 359.

¹⁵⁴ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 359.

I quis saber do contacto que o Movimento estava a fazer com os luteranos e anglicanos. Maravilhado com o caminho percorrido, Atenágoras expressou-se do seguinte modo: «temos vivido isolados, sem ter irmãos, sem ter irmãs, por muitos séculos, como órfãos. Os primeiros dez séculos da Igreja foram para os dogmas e a organização da Igreja. Nos dez séculos seguintes tivemos os cismas, a divisão. A terceira época, esta, é a do amor»¹⁵⁵.

Esta abertura ao diálogo ecuménico permite que se estabeleçam laços concretos de uma verdadeira fraternidade, mas também suscita que se criem estruturas que possam fomentar maior reflexão entre ambos. Assim, vê-se florescer na cidadela de Otmaring um «Centro ecuménico de vida», com a finalidade de contribuir para o diálogo entre ambos, ortodoxos e (católicos) focolarinos¹⁵⁶.

Deste modo, multiplicam-se as iniciativas para aprofundar este caminho de diálogo entre católicos, luteranos e ortodoxos. O primeiro encontro ecuménico internacional dos Focolares acontece em 1977, na Guildhall de Londres, segundo o *slogan* «Amar e realizar». Esta proposta é um desafio a crescer juntos na unidade, a fim de viver o ecumenismo, para, assim, desenvolver o «diálogo da vida»: «Crescer juntos numa espiritualidade de comunhão para o ecumenismo do terceiro milénio»¹⁵⁷.

Em outubro de 1999, os Focolares, juntamente com a comunidade de Santo Egídio, encontraram-se com as Igrejas e comunidades eclesiais Evangélicas. Neste encontro, estabeleceu-se entre as duas Igrejas um tal clima de estima recíproca que surgiu a vontade de se encontrarem outras vezes na Alemanha e em Roma¹⁵⁸.

¹⁵⁵ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 360.

¹⁵⁶ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 361.

¹⁵⁷ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 357.

¹⁵⁸ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 442.

Deste modo, constata-se que os encontros se vão multiplicando em vários lugares, alargando o círculo da comunhão já experimentada. Assim, no ano de 2001, reúnem-se na igreja evangélico-luterana de São Mateus, em Munique, cerca de 800 responsáveis de mais de 45 Movimentos de várias Igrejas. A atmosfera que entre eles experimentam é tão intensa que se estabelece uma «aliança», como que um pacto de amor recíproco para atuar enquanto possível a unidade, e para que possam, desde já, ser de certo modo uma só alma. Nessa mesma tarde estiveram cerca de 5000 membros de diversos movimentos para aprofundar o conhecimento recíproco¹⁵⁹.

Neste período áureo multiplicam-se os encontros e cresce o relacionamento entre os movimentos católicos e evangélicos. Floresce no Líbano uma profunda amizade entre o «Mouvement de la Jeunesse Orthodoxe» e o dos Focolares, e na Grã-Bretanha, entre os Focolares e Movimentos de várias Igrejas¹⁶⁰.

Outro encontro importante realizou-se no ano de 2002, em Genebra, abrindo, deste modo, o diálogo com as comunidades eclesiais de tradição calvinista. Chiara, no seu discurso, começou por salientar a questão da «reforma», referindo que Jesus, com o Espírito Santo, sempre orientou a Sua Esposa [a Igreja] para uma contínua reforma, solicitando dela um constante renascimento. Deste modo, foi suscitando em distintos momentos da história dons e carismas que surgiram novas famílias religiosas e novas espiritualidades. Na conclusão do seu discurso, Chiara lançou um convite a um empenhamento conjunto mais forte: «Para tentar remediar tanto mal, para conseguir uma nova força para recomeçar, devemos colocar toda a nossa confiança neste amor evangélico»¹⁶¹.

¹⁵⁹ Cf. VANDELEENE, MICHEL, Chiara Lubich, *La Dottrina spirituale...*, p. 442.

¹⁶⁰ Cf. VANDELEENE, MICHEL, Chiara Lubich, *La Dottrina spirituale...*, p. 443.

¹⁶¹ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 373.

Deste modo, a fundadora, impregnada pela radicalidade de viver o Evangelho, desafiou todas as Igrejas e organizações a viverem segundo o mandamento de Jesus do amor ao irmão (Mt 18, 20), como se expressou Chiara num dos encontros com o Conselho Ecuménico das Igrejas (CEI), ao sublinhar que o amor vivido suscita em todos um respeito fraterno, um profundo acolhimento recíproco, um amor que permite experimentar a presença espiritual de Cristo no meio de nós, e que a sua principal missão consistia em «tornar visível uma antecipação daquela plena *koinonía* que as Igrejas procuram através do movimento ecuménico»¹⁶². Neste sentido, Chiara reforçou as palavras do Papa João Paulo II na Carta Encíclica *Redemptoris Missio*¹⁶³, em que se sublinha que a ação missionária da Igreja deve contribuir para a plena comunhão das Igrejas, apresentando a Unidade e Jesus Abandonado como «paradigma ou modelo de reconciliação que conduz à *koinonía*, isto é, à plena comunhão»¹⁶⁴.

Neste sentido, Chiara propôs «Jesus Abandonado» como a chave que garante a unidade entre as diversas Igrejas: em Jesus Abandonado está o segredo da reconciliação de todos os irmãos na unidade católica, universal: a Igreja pensada por Cristo¹⁶⁵. A experiência realizada no âmbito ecuménico confirma que é amando Jesus Abandonado que os cristãos encontram a razão para não fugir aos sofrimentos e às dificuldades, mas para os consumir, unindo-se espiritualmente ao único sacrifício de Cristo na cruz, convidando a vê-Lo como o «crucificado ecuménico». Neste sentido, evidenciou que o modo de superar as divisões consistia em reconhecê-Lo diante de cada coisa e dizer: «Se Ele assumiu todas as dores, as divisões, os traumas, posso pensar que, onde vejo um

¹⁶² Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 375.

¹⁶³ Assim, afirma o Papa que «uma das finalidades centrais da missão é reunir o povo de Deus na escuta do Evangelho, na comunhão fraterna, na oração e na Eucaristia. Viver a “comunhão fraterna” (*koinonía*) significa ter “um só coração e uma só alma” (At. 4, 32), instaurando uma comunhão sob os aspetos humano, espiritual e material» (RM 26).

¹⁶⁴ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 375.

¹⁶⁵ Cf. LUBICH, CHIARA, *O grito...*, p. 120.

sofrimento, vejo-o também a Ele. Este sofrimento faz-me recordá-lo a Ele, é uma sua presença, um seu rosto»¹⁶⁶.

A consciência de que Jesus abandonado é o ponto de partida para apaziguar as divisões criadas ao longo dos séculos foi consequência da viagem da fundadora a Jerusalém, quando tomou conhecimento, por um frade franciscano, de que até o Sepulcro de Jesus estava dividido, uma parte dos católicos e outra dos greco-ortodoxos. Sentindo uma profunda dor pelas divisões na Igreja e por aquilo que causavam a Jesus, Chiara escreveu:

«Naquele momento passaram pela minha alma todos os traumas e as separações que têm atingido a nossa Igreja através dos séculos, o Corpo Místico de Cristo. Vi irmãos e mais irmãos separarem-se, distanciarem-se da Igreja-Mãe, dividirem-se e subdividirem-se entre si. Pobre Jesus! Pobre Corpo Místico de Cristo! Pobre Mãe! E uma dor profunda ameaçava abater-me, quando uma luz, atravessando-me a alma, me deu novamente a esperança: Na verdade, pensei, se estes cristãos de outras denominações querem de qualquer maneira possuir os Lugares Santos, é porque amam a Jesus. Por isto, querem algo d'Ele; por isto, sofrem e lutam»¹⁶⁷.

2.5.3. Diálogo inter-religioso

O evento que abriu as portas ao diálogo inter-religioso entre o Movimento e as grandes religiões realizou-se através do já mencionado Prémio Templeton para o Progresso da Religião, atribuído a Chiara no ano de 1977, em Londres. Apesar da diversidade dos participantes na sua cultura e religião, a fundadora, dirigindo-se a tão vasto público, falou da sua experiência evangélica e de como os membros do Movimento procuravam colocar em prática o testamento de Jesus – «que todos sejam um» (Jo 17,21). Depois de ter concluído o discurso, o assentimento que se verificava no rosto de todos foi manifestado pelas saudações que os membros de outras religiões

¹⁶⁶ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, pp. 363-376.

¹⁶⁷ LUBICH, CHIARA, *Escritos Espirituais/I A Atração dos Tempos Modernos*, Cidade Nova, São Paulo, 1983, p. 166.

fizeram a Chiara. Foi então que a fundadora intuiu que aquela circunstância indicava ao Movimento uma nova abertura: ou seja, que a espiritualidade devia ser alargada não só a todas as comunidades eclesiais mas também a irmãos e irmãs de outros credos¹⁶⁸.

Efetivamente, a primeira intuição daquilo que viria a constituir o diálogo inter-religioso sucedeu em Chiara com o povo Bangwa, uma tribo dos Camarões que estava a ser dizimada por uma grande epidemia. Quando, numa visita aos Camarões, Chiara encontrou aquele povo com uma cultura e credo diferentes, ocorreu-lhe, em profundidade: «Enquanto eu falava, tive a impressão de que Deus envolvia todos com um grande sol [...]. Foi lá que, pela primeira vez, me nasceu a ideia de que haveríamos de ter muito a ver com o diálogo inter-religioso»¹⁶⁹. De facto, deve salientar-se que o fundamento da abertura a este diálogo inter-religioso está sintetizado numa breve fórmula que consiste na máxima do mandamento de Jesus - «amar cada próximo», judeu ou grego (cf. Rm 10,12). Assim o define Chiara:

«Todos os homens são candidatos à unidade. Acima de todas as coisas, a alma deve tender a fixar sempre o olhar no único Pai de muitos filhos. Depois, olhar para todas as criaturas como filhas do único Pai. Ultrapassar sempre com o pensamento e com o afeto do coração todo o limite posto pela natureza humana, e tender constantemente e por hábito adquirido para a fraternidade universal num único Pai: Deus»¹⁷⁰.

Neste sentido, afirmava o Papa João Paulo II na Encíclica *Redemptoris Missio*, o diálogo inter-religioso faz parte da missão evangelizadora da Igreja¹⁷¹.

Sobre o modo de realizar esta práxis do amor ao irmão, a fundadora dos Focolares sublinhava ser necessário fazer-se um com o irmão, não de um modo ideal, mas real; ou seja, procurar sentir em nós os sentimentos dos irmãos; resolver os seus

¹⁶⁸ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p.381.

¹⁶⁹ ZAMBONINI, FRANCA, *Chiara Lubich - A sua herança...*, p. 90.

¹⁷⁰ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 379.

¹⁷¹ «O diálogo inter-religioso faz parte da missão evangelizadora da Igreja. Entendido como método e meio para um conhecimento e enriquecimento recíproco, ele não está em contraposição com a missão *ad gentes*» (RM 54).

problemas como sendo nossos, o que exigia o esvaziamento completo de nós mesmos, para nos identificarmos com os outros¹⁷².

Tratava-se, pois, de atuar a «regra de ouro» que é a chave para edificar um mundo mais unido e eliminar os conflitos entre muitos cristãos. Disse Chiara: «Dado que os vários livros sagrados afirmam que tudo aquilo que se deseja feito a si mesmo é preciso fazê-lo aos outros (“Tudo o que desejais que os outros vos façam, fazei-o também a eles”), na prática, pede a todos para amar»¹⁷³. Deste modo, na sua intervenção, Chiara procurou sublinhar aquilo que já tinha sido referenciado pelo Papa na Encíclica *Redemptoris Missio* sobre o modo de realizar o diálogo. Este deve ter como base o amor ao próximo; esta regra inscrita em cada religião levou a considerar que em cada uma delas existem «sementes do Verbo»¹⁷⁴, ou seja, princípios de verdade¹⁷⁵.

Assim, numa viagem à Índia, Chiara pôde contactar com alguns hindus e falar-lhes desta «regra de ouro», tendo encontrado “sementes” do Verbo também na cultura indiana. De regresso a Itália, Chiara escreveu:

«Quando lhes falei do amor ao próximo, coração do Evangelho, apresentei como exemplo uma frase de Gandhi: Eu e tu somos uma coisa só. Não posso ferir-te sem fazer mal a mim mesmo. E, quando citei o amor ao inimigo, tão genuinamente evangélico, citei outro dito: O machado corta a madeira de sândalo que lhe oferece a sua virtude perfumando-o. Em suma, vinga-se, com o amor»¹⁷⁶.

¹⁷² Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 379.

¹⁷³ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, pp. 377-378.

¹⁷⁴ «O diálogo não nasce de táticas ou de interesses, mas é uma atividade que apresenta motivações, exigências, dignidade própria: é exigido pelo profundo respeito por tudo o que o Espírito, que sopra onde quer, operou em cada homem. Por ele, a Igreja pretende descobrir as “sementes do Verbo”, os “fulgores daquela verdade que ilumina todos os homens” - sementes e fulgores que se abrigam nas pessoas e nas tradições religiosas da humanidade. O diálogo fundamenta-se sobre a esperança e a caridade, e produzirá frutos, no Espírito”, (*RM* 56); o decreto *Ad Gentes* também faz referência a estas “sementes da palavra”, (*AG* 11.15).

¹⁷⁵ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 378.

¹⁷⁶ ZAMBONINI, FRANCA, *Chiara Lubich - A sua herança...*, pp. 95-96.

A propósito desta viagem à Índia, o teólogo Piero Coda descreveu o impacto deste encontro como verdadeira ação do Espírito na Igreja: «Não se pode pensar numa teologia cristã que prescindida do diálogo inter-religioso. Naturalmente que esta teologia deve estar profundamente enraizada na nossa fé, mas, como disse o Papa em Madras (Índia), quando nos abrimos ao diálogo, abrimo-nos a Deus. Voltando à nascente da nossa fé e revivendo-a, progride-se no diálogo»¹⁷⁷.

Noutra viagem à Índia, a 7 de janeiro de 2001, Chiara, ao falar a um grupo de sacerdotes, sublinha a necessidade de entrar na cultura e religião do outro a fim de estabelecer um diálogo profundo e verdadeiro, por meio do qual se procure encontrar aqueles aspetos que os unem. Assim, apresentando alguns pontos de espiritualidade da unidade, Chiara estabelece um paralelo com a tradição hindu, como refere M. Zanzucchi:

«Sobre o aspeto de fazer a vontade de Deus a fundadora evidencia ser necessário realizar o mandato de Jesus: “O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou (cf. Jo 4, 34)”. E vivemos a vontade de Deus no momento presente da vida pois o passado já passou e o futuro ainda não o temos. Mas também para eles é importante fazer a vontade de Deus, como afirma um seu mestre, *Candrasekhara Blarati*, que diz “Fazer a vontade do Senhor é um ato maior que não cantar os seus louvores”»¹⁷⁸.

Neste sentido, constata-se que toda a Sagrada Escritura aponta para o amor aos irmãos. Assim, verifica-se que o «autêntico cristão da reconciliação é aquele que sabe amar os outros com a mesma caridade de Deus, que sabe ver Cristo em cada próximo, uma caridade aberta a todos, que toma sempre a iniciativa; aquela caridade que faz amar cada um como a si mesmo, que se faz um com os irmãos e as irmãs: nos sofrimentos e nas alegrias»¹⁷⁹.

¹⁷⁷ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 395.

¹⁷⁸ ZANZUCCHI, MICHELE, *Mille Lune, In India con Chiara Lubich*, Città Nuova, Roma, 2001, p.58.

¹⁷⁹ VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 450.

No entanto, é necessário salientar que o amor recíproco que deve florescer entre as Igrejas não deverá anular o que é a especificidade de cada uma delas, mas antes conduzir a uma sua renovação na unidade. Este amor recíproco torna-se verdadeiramente evangélico quando é vivido na medida pensada por Jesus, ou seja, na medida do Amor de Jesus por cada um de nós, até ao ponto de amar os inimigos (Jo 15,12-13)¹⁸⁰.

Este amor verdadeiramente evangélico, quando é experienciado por muitos, torna-se recíproco. Deste modo, abatem-se as indiferenças sentidas durante vários séculos entre as religiões, constituindo um povo novo. Escreveu o filósofo Heschel sobre a unidade: «A unidade de Deus é o fundamento da unidade de Deus com todas as coisas. Ele é um em si mesmo e quer fazer-se um com o mundo [...] A unidade de Deus tem no coração a unidade do mundo»¹⁸¹.

Entre os diversos encontros que se fizeram com outras religiões destaca-se, sobretudo, aquele que se realizou com a associação leiga budista japonesa Rissho Kosei-kai, cujo fundador é o reverendo Nikkyo Niwano. Este, tendo participado na abertura do Concílio Vaticano II, é entusiasmado pelo Papa Paulo VI a trabalhar para a harmonia entre as religiões. Entre ele e Chiara nasceu um grande entendimento na base de uma profunda estima recíproca¹⁸².

Quando Chiara foi ao Médio Oriente para se encontrar com a comunidade, fizeram-lhe a pergunta de como poderá um muçulmano viver a unidade. Chiara respondeu: «Um muçulmano pode vivê-la empenhando-se em fazer a vontade de Deus. Aliás, poderíamos dizer que o Islão – que significa “submissão” – pressupõe uma

¹⁸⁰ VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 451.

¹⁸¹ HESCHEL, cit. in VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 461.

¹⁸² Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 381.

obediência total à vontade de Deus. [...] Esta plena aceitação da vontade de Deus resplandece em Maria, tal como o Alcorão no-la mostra»¹⁸³.

Não é de mais reiterar que a chave do diálogo tem a sua máxima expressão na *kenosis* de Jesus na cruz e no amor ao próximo. “Jesus Abandonado”¹⁸⁴ é o «carburante» desta revolução de amor, é o segredo de cada dor, do fim de cada divisão, como explicou Chiara num encontro na Mariápolis Luminosa, a 26 de Maio de 1997¹⁸⁵. O mistério da cruz manifesta a maior expressão do Amor de Deus por cada homem: «A vida ninguém ma tira, mas sou Eu que a ofereço livremente» (Jo 10,18). Chiara introduziu este tema aos fiéis de outras religiões, dizendo:

«Nos fiéis das religiões orientais, aquela típica dor de Jesus, que O conduziu ao anulamento total, suscita um fascínio muito especial. E quando alguém morre para si mesmo, para “se fazer um” com eles, e com isso deixa que em si viva Cristo – ou quando contactam com o Ressuscitado no meio dos cristãos unidos, também Ele fruto do amor à cruz –, sabem distinguir aquela luz e aquela paz, efeitos do Espírito, que irradiam dos seus rostos; sentem-se atraídos, e pedem explicação»¹⁸⁶.

Outro elemento decisivo e fecundo no diálogo inter-religioso está expresso na «arte de amar». Somente o amor ao próximo, como nos ensina Jesus, pode gerar a reciprocidade: «Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei» (Mt 13, 34). Contudo, a dimensão do mandamento do amor deve colocar os seus interlocutores diante de uma dimensão trinitária: «Que eles sejam um como Nós somos um» (Jo 17,22). Analogamente ao modo como se realiza a unidade entre as Pessoas da Trindade, assim deve suceder entre dois ou mais que se unem no nome de Jesus, isto é, consumir-se na unidade¹⁸⁷. Deste modo, constata-se que a «medida» do

¹⁸³ ZAMBONINI, FRANCA, *Chiara Lubich - A sua herança...*, p. 93.

¹⁸⁴ Cf. CODA, PIERO, *Le terre del mattino, viaggio in Corea e Giappone*, Città nuova, Roma, 1999, p.95

¹⁸⁵ Cf. CODA, PIERO, *Nella Moschea di Malcolm X, com Chiara Lubich negli Stati Uniti e in Messico*, Città Nuova, Roma, 1997, p. 55.

¹⁸⁶ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 382.

¹⁸⁷ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 386.

diálogo é a do amor evangélico que o anima; a sua força e a garantia da sua fecundidade estão na comunhão eclesial que o exprime e promove¹⁸⁸.

São imensos os encontros e contactos que se estabeleceram no decurso destes sessenta anos entre o Movimento dos Focolares e as grandes religiões; não podendo descrever o resultado de todos estes encontros e o contributo que deram à Igreja, sublinho a arte de «fazer-se um», que gera reciprocidade. Esta foi a lógica usada por Chiara para «entrar», de certo modo, nas diversas religiões, relacionando-se com os seus membros. Assim, «partindo da “regra de ouro”, Chiara entrou na espiritualidade islâmica, nos aspetos que temos em comum, como o amor de Deus, o amor ao próximo, a unidade e Maria, Mãe de Jesus e modelo de todos os crentes»¹⁸⁹.

Outro momento importante que marca também a história do diálogo inter-religioso no século XX foi o encontro de representantes de várias religiões na Praça de São Pedro, em outubro de 1999, a que já aludimos a propósito de outros tópicos trabalhados. No dia 28 de outubro, a Praça de São Pedro ficou decorada pelas mais diversas cores (vermelho, laranja, azul, púrpura, violeta) que identificavam os hábitos dos budistas, mas também os turbantes dos sikh e hindus, e os *kippah* judaicos. O Papa João Paulo II lançou a todos o desafio de «promover uma cultura do diálogo»¹⁹⁰.

Todavia, este caminho que se está a fazer é longo e muitas vezes marcado com avanços e recuos; porém, é cada vez mais urgente ir além das ideias que *a priori* estão concebidas para poder acolher os outros, a fim de abater as barreiras que nos separam. Deste modo, Michelle Zanzucchi (focolarino casado), atualmente responsável pela redação da revista «*Città Nuova*», procurou fazer um inquérito no mundo muçulmano, sobre o qual escreveu um livro intitulado *L'Islam che non fa paura* [O Islão que não

¹⁸⁸ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 385.

¹⁸⁹ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 390.

¹⁹⁰ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, pp. 394-395.

mete medo], a fim de estabelecer maior relacionamento entre cristãos e muçulmanos.

Assim, descreve Zanzucchi:

«Hoje, é mais popular a ideia oposta, a do Islão que mete medo. Prefere-se pensar que o terrorismo tem raízes exclusivamente religiosas, enquanto, na realidade, são na sua maior parte políticas e envolvem uma minoria dos muçulmanos. Por isso, fui à procura dos muçulmanos mais dispostos ao diálogo, que reconhecem Jesus como profeta, veneram Maria, estimam a vida moral e prestam culto a Deus com oração, esmolas, jejum, como afirma *Nostra Aetate*¹⁹¹, o documento do Concílio Vaticano II que me serviu de guia na minha longa viagem»¹⁹².

Tal como é explícito o desafio na Declaração *Nostra Aetate* para procurar juntos a promoção da paz e da justiça social entre os povos, assim Michelle Zanzucchi procurou conhecer mais concretamente o mundo muçulmano. Numa das diversas entrevistas que fez, questionou o deputado sírio al-Habash sobre como recebeu a notícia dos atentados em Nova Iorque, tendo recebido a resposta: «Os média ocidentais deveriam dar uma informação mais objetiva do Islão, porque, mostrando só bombas e mortos em atos de terrorismo, fazem precisamente o seu jogo. Sem publicidade, estes traidores do Islão autêntico nem sequer existiriam»¹⁹³.

Continua o professor Michelle Zanzucchi afirmando que é estranho que uma religião do amor possa incentivar fiéis a realizar atos cruéis, como o terrorismo dos chamados «mártires de Alá». Neste sentido, Michelle propõe uma distinção: «Li muito sobre os *kamikases*. Pode haver dois casos: trata-se de um suicídio fatalista ou altruísta. No primeiro caso, o terrorista suicida pensa que a vida não vale a pena ser vivida; no

¹⁹¹ «Os muçulmanos têm, por isso, em apreço a vida moral e prestam culto a Deus, sobretudo com a oração, a esmola e o jejum. E se é verdade que, no decurso dos séculos, surgiram entre cristãos e muçulmanos não poucas discórdias e ódios, este sagrado Concílio exorta todos a que, esquecendo o passado, sinceramente se exercitem na compreensão mútua e juntos defendam e promovam a justiça social, os bens morais e a paz e liberdade para todos os homens», (NA 3).

¹⁹² ZAMBONINI, FRANCA, *Chiara Lubich - A sua herança...*, p. 97.

¹⁹³ ZAMBONINI, FRANCA, *Chiara Lubich - A sua herança...*, p. 98.

segundo, pelo contrário, pensa que a situação é péssima, mas que através daquele ato se poderá modificar a existência de muitos»¹⁹⁴.

A ausência da atitude de acolher o outro com olhos novos, procurando descobri-lo e entendê-lo torna, muitas vezes, difícil o diálogo entre cristãos e muçulmanos e fá-lo anular-se, perdido entre medos mais ou menos infundados e alimentados por um jornalismo pouco profundo e sensacionalista.

Por sua vez, o diálogo entre os membros do Movimento dos Focolares e os budistas não oferece muitos obstáculos, como afirma Enzo Maria Fondi:

«Bastam alguns instantes de silêncio e de recolhimento, para nos colocarmos com eles no mesmo comprimento de onda. Estamos, portanto, em pleno diálogo da espiritualidade, o único em que, para além das palavras e dos conceitos, se pode comunicar com pessoas que procuram, com todas as suas forças e com a ajuda que vem do Alto, chegar a um estado de libertação ou de iluminação»¹⁹⁵.

Numa viagem ao Médio Oriente, Chiara sublinhou que o diálogo inter-religioso é possível partindo da própria experiência espiritual quando se acolhe a experiência do outro, num gesto de reciprocidade em que se procura compreender aquilo que o outro pensa num determinado modo. Este tipo de diálogo é hoje um sinal dos tempos: um ponto de maturação da autoconsciência humana, como uma resposta a um novo impulso que brota do Espírito Santo¹⁹⁶. Hoje, este diálogo não é só uma necessidade, mas é uma exigência percebida e surgida da verdade mais profunda dessa mesma experiência religiosa, seja qual for a religião do outro¹⁹⁷. O carisma da unidade é uma espiritualidade aberta a todos, sem fazer «alguma forma de discriminação»¹⁹⁸. Isto significa atuar aquela «arte de amar» que consiste em praticar a frase do Evangelho que

¹⁹⁴ ZAMBONINI, FRANCA, *Chiara Lubich - A sua herança...*, p. 97.

¹⁹⁵ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 396.

¹⁹⁶ Cf. CODA, PIERO, *Viaggio In Asia con Chiara Lubich in Thailandia e Filippine*, Città Nuova, Roma, 1997, p.65.

¹⁹⁷ Cf. CODA, PIERO, *Viaggio In Asia con Chiara Lubich...*, p. 65.

¹⁹⁸ ZANZUCCHI, MICHELE, *I Santuari Sulle Rocce, con Chiara Lubich in Medio Oriente*, Città Nuova, Roma, p.26.

diz: «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes» (cf. Mt 25,40). Esta fé no Amor de Deus leva os cristãos a ter um olhar de amor fraterno para com as irmãs e os irmãos de outras religiões, em direção à unidade de todo o género humano¹⁹⁹.

O contributo que o Movimento faz através do seu carisma de unidade congrega todos os povos numa fraternidade universal, mas o importante deste diálogo é levar todos ao encontro com Deus para que todos se salvem, como afirmou o então arcebispo de Bombaim, Cardeal Ivan Dias, citado por E. Fondi:

«Deus reservou ao Movimento o carisma especial da unidade: um carisma para todos. A unidade como fruto do amor. Se Deus é Pai de todos e mandou o seu filho Jesus, o seu amor não deve ficar restrito àqueles que acreditam nele, mas deve ser transmitido a todos os que pertencem à raça humana. [...] Deus quer que todos se salvem, não somos só nós a ter o privilégio de um contacto próximo com Jesus. Este amor de Deus deve chegar a quem não o conhece»²⁰⁰.

Outro aspeto a salientar neste diálogo entre as religiões é o papel de Maria. Ela não se restringiu a ser apenas a Mãe de Deus, mas tornou-se a Mãe da humanidade. No Movimento dos Focolares, Maria tem um papel importante, não somente por ter gerado Jesus, mas porque foi Aquela que viveu em primeira pessoa o Evangelho. Chiara intuiu que os membros da Obra deviam imitar Maria, ou seja, trazer espiritualmente Jesus ao mundo. Nas religiões orientais, como o budismo e hinduísmo, a pessoa de Maria é objeto de estudo e admiração, por ser Aquela que acolhe com total disponibilidade a palavra de Deus²⁰¹.

¹⁹⁹ Cf. ZANZUCCHI, MICHELE, *I Santuari Sulle Rocce, con Chiara Lubich in Medio Oriente...*, p.26.

²⁰⁰ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 402.

²⁰¹ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 403.

2.5.4. Diálogo com as pessoas de convicções “não religiosas”

Como é evidente, nem sempre foi linear a compreensão daqueles que não professavam uma fé. Assim, quando os cristãos se referiam a estas pessoas era por meio de um atributo negativista (os «não-crentes») em relação aos crentes²⁰².

Mas como surge esta realidade no Movimento? Desde o seu início, o Movimento dos Focolares estabeleceu contactos com pessoas não-crentes ou indiferentes à religião. Estas pessoas, movidas pelo esboço de sociedade que o carisma vivido por aquelas jovens dava à humanidade, alimentaram um forte desejo de também poderem contribuir para a construção dessa mesma sociedade, colaborando em algumas iniciativas de carácter público. Em 1983, Chiara exortou os aderentes a estabelecerem relacionamentos profundos com estas pessoas, a valorizar as suas qualidades e a promover escolas de formação²⁰³.

O «quarto diálogo» surgido no Movimento tem por objetivo aprofundar com reflexões e experiências os valores vividos por todos nos vários aspetos da solidariedade, da justiça, da tolerância, da reciprocidade, do diálogo na política, na economia e na ética²⁰⁴.

É com o fundamento nestes valores éticos e morais que se constituiu uma base sólida para um verdadeiro diálogo fraterno, em que se procura o bem comum da sociedade e se valoriza a pessoa no âmbito antropológico. Assim, em 1995, Chiara lançou o desafio de trabalhar em conjunto: «Sem vocês, os Focolares perderiam a sua

²⁰² Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 407.

²⁰³ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 411.

²⁰⁴ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 413.

identidade [...] Nós temos uma vocação universal: “Que todos sejam um”. Nós não podemos deixar de estar convosco, porque vocês estão no “todos”»²⁰⁵.

Porém, sobre o papel que as pessoas de convicções não religiosas podem dar a este «movimento do diálogo», Chiara, dirigindo-se a eles, referenciou: «Queremos exaltar quer a humanidade de Jesus, quer a sua divindade. Vocês ajudam-nos a colocar em evidência o aspeto humano de Jesus, os seus valores: a paz, a unidade, os direitos humanos, a liberdade, tudo coisas que estão no vosso património»²⁰⁶. Noutra ocasião, Chiara, salientou que a presença dos não crentes no Movimento era importante, porque permitia corrigir quem estivesse tentado a limitar a sua vida às coisas espirituais. Isto não sucede com os não crentes, pois têm os pés firmes na terra²⁰⁷.

O diálogo no Movimento tem as suas mais diversas expressões, de que se destaca o «fazer-se um com o outro», de modo que o outro se possa sentir amado e, por sua vez, também ele possa fazer a experiência de amar. Assim sucedeu com Ciro e Luciana, um casal não crente, mas que, ao ter contactado com os membros do movimento, se sentiram impulsionados na construção de um Mundo mais unido. Sobre o encontro com o Focolar, Luciana descreve:

«Ouvi falar de “Diálogo entre pessoas de convicções diferentes”, sem intenções de proselitismo – asseguravam-me –, mas para unir, através de um respeito e confronto verdadeiros, as pessoas de boa vontade no difícil e longo caminho para um “Mundo mais Unido”. Eu, que sempre tinha pensado que o mundo unido se constrói com os outros e não contra os outros. [...] Apesar do ceticismo, decidi permanecer. Talvez o Movimento fosse um lugar onde nos poderíamos empenhar socialmente sem defesas»²⁰⁸.

O contacto que este casal teve com os membros do Movimento transformou as suas motivações interiores, expressas depois em gestos concretos. O primeiro gesto foi

²⁰⁵ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 413.

²⁰⁶ Cit. in FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 413.

²⁰⁷ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 413.

²⁰⁸ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 419.

o de abrir a porta de sua casa ao bispo da sua diocese, para poder reunir grupos de oração; o segundo gesto foi o de batizar a sua filha Mascia, confiando-a a padrinhos crentes²⁰⁹.

2.5.5. Diálogo com a sociedade e a cultura

O quinto diálogo abrange uma diversidade de temáticas relacionadas com a cultura, desde as ciências (psicologia, sociologia, filosofia, arte), à economia de comunhão, política e outras áreas que envolvem os valores comuns da sociedade, tais como a solidariedade, a justiça social, a unidade, a paz, os direitos humanos, a liberdade, entre outros²¹⁰. Desde a sua génese, a Igreja sempre esteve inserida numa determinada cultura, sendo por isso chamada a ser sinal evangelizador dessa mesma cultura, como podemos verificar na Encíclica *Ecclesiam Suam*²¹¹. Esta também foi uma das prioridades da espiritualidade da unidade ao dialogar com a cultura do seu tempo, impregnando nas diversas áreas sociais uma cultura fundada na caridade. Assim também definiu o Papa João Paulo II na carta encíclica *Redemptoris Missio*²¹² a necessidade de encontrar novas formas de cultura e comunicação.

²⁰⁹ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 418.

²¹⁰ Cf. LUBICH, CHIARA, *Uma nova Cultura para uma Sociedade nova, discursos por ocasião dos doutoramentos honoris causa*, Cidade Nova, Abrigada, 2009, p. 56.

²¹¹ Cf. PAULO VI, *Ecclesiam Suam*, 10 «Todos sabem que a Igreja está mergulhada na humanidade, dela faz parte, a ela vai buscar os seus membros, dela extrai tesouros preciosos de cultura, dela sofre as vicissitudes históricas e pelo bem dela trabalha. Ora é sabido igualmente que a humanidade no tempo atual está em vias de grandes transformações, abalos e progressos, que lhe modificam profundamente não só o estilo de vida no exterior, mas também o modo de pensar. O pensamento, a cultura e o espírito sofrem modificação profunda, originada no progresso científico, técnico e social, como também nas correntes do pensamento filosófico e político, que a invadem e penetram. Tudo isto, como ondas do mar, envolve e sacode a Igreja».

²¹² Cf. JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, 37: «Hoje a imagem da missão *ad gentes* está talvez a mudar: lugares privilegiados deveriam ser as grandes cidades, onde surgem novos costumes e modelos de vida, novas formas de cultura e comunicação que depois influem na população. É verdade que a “escolha dos menos afortunados” deve levar a não descuidar os grupos humanos mais isolados e marginalizados, mas também é verdade que não é possível evangelizar as pessoas ou pequenos grupos, descuidando os centros onde nasce — pode-se dizer — uma nova humanidade, com novos modelos de desenvolvimento».

Um exemplo paradigmático desta necessidade de harmonizar a evangelização com os tempos e os espaços de atuação dos homens é o caso do Brasil. Apesar de o Movimento ter chegado ao Brasil nos finais dos anos cinquenta, constatou-se, em primeiro lugar, que era necessário formar uma nova cultura e homens novos e, somente depois, uma economia nova²¹³. A «economia de comunhão» surge, precisamente, pela inspiração de uma viagem de Chiara ao Brasil em que assistindo às diferenças sociais, brotou a ideia de promover uma «economia de comunhão na liberdade» com novas empresas cuja gerência devia ser confiada a pessoas competentes para as fazer desenvolver de forma coerente e eficaz, cujos lucros deviam ter os seguintes objetivos: «incrementar a empresa; ajudar os necessitados, a fim de que tenham o suficiente para viver, enquanto não encontrarem um emprego; e, por fim, desenvolver estruturas que formem “homens novos”, animados pelo amor cristão, pois sem eles pouco se faz»²¹⁴. Esta nova forma de economia vai contra a corrente face à economia em geral, buscando agir conforme os princípios evangélicos, tendo por base o amor e a unidade²¹⁵. Coloca, também, em reflexão o conceito de «bens» - diz-se que os verdadeiros bens, as «coisas boas», não são aquelas vulgarmente entendidas, como o salário, o poder, o sucesso. Os «verdadeiros bens» são o desapego material, a liberdade do ser, a comunhão – em suma, não o *ter*, mas o *dar*²¹⁶. Como tem sido salientado, os dois pilares fundamentais do carisma de Chiara são a Unidade e Jesus Abandonado. A unidade, que podemos também definir por «comunhão», é a vocação profunda de quem participa neste carisma, e é também a sua missão na Igreja e no mundo. Por outro lado, Jesus

²¹³ Cf. ZAMBONINI, FRANCA, *Chiara Lubich - A sua herança...*, p. 106.

²¹⁴ LUBICH, CHIARA, *Uma nova Cultura para uma Sociedade nova...*, pp. 56-57.

²¹⁵ LUBICH, CHIARA, *Uma nova Cultura para uma Sociedade nova...*, p.57.

²¹⁶ Cf. BRUNI, LUIGINO, *L'economia di comunione di Chiara. Quando un carisma cambia anche l'economia*, in Nuova umanità, Città Nuova, Roma, XXX maggio-giugno 2008/3, p. 364.

Abandonado é a chave para viver a Unidade, para a construir quando falta a reciprocidade, transformando a dor em amor, «as feridas» em «bênçãos»²¹⁷.

Por outro lado, evidencia-se que as empresas de economia de comunhão têm como finalidade promover uma «cultura do dar», isto é, uma «cultura de amor, daquele amor evangélico tão profundo e empenhado que é a palavra-chave de toda a lei e os profetas»²¹⁸. Ainda no âmbito das empresas de economia de comunhão foi redigido «um estilo de vida empresarial» orientado para a cultura de comunhão constituído por sete pontos. Destes, destaco dois pontos, o quarto e o sexto: o primeiro consiste em proporcionar uma «qualidade de vida e de produção» - isto significa transformar a empresa numa verdadeira comunidade, procurando o bem-estar da cada membro e garantir as condições de trabalho e um ambiente propício onde reina o respeito, a confiança e a estima recíproca. Contudo, é necessário desenvolver a formação que possa favorecer entre os membros da empresa tal atmosfera de amor recíproco, em que seja natural colocar livremente os próprios talentos à disposição para o desenvolvimento dos colegas e para o progresso da empresa²¹⁹.

Por outro lado, salienta-se que as redes de solidariedade que surgem da economia de comunhão podem transformar a tão condenada globalização num fenómeno positivo²²⁰. Isto porque aquilo que se desenvolve na espiritualidade não é uma cultura do ter, mas uma cultura do dar, como afirmou Chiara: o objetivo da Economia de Comunhão consiste em fomentar a «cultura do dar», formar os «homens novos», que possam gerir essas empresas e promover «escolas de formação» para que tais homens e mulheres possam empenhar-se a trabalhar pela unidade e fraternidade

²¹⁷ BRUNI, LUIGINO, *L'economia di comunione di Chiara. Quando un carisma cambia anche l'economia...*, p.365.

²¹⁸ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 511.

²¹⁹ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 515.

²²⁰ Cf. ZAMBONINI, FRANCA, *Chiara Lubich - A sua herança...*, p. 109.

entre todos os homens, de modo a constituírem um só coração e uma só alma por meio de uma caridade recíproca²²¹. Os focolarinos sempre estiveram efetivamente convictos de que somente Deus poderia transformar os corações humanos, fazendo crescer esta cultura de caridade. Esta convicção foi reiterada por Gineta Calliari, a pioneira dos Focolares no Brasil, crente de que somente Deus conseguiria resolver os problemas sociais, quando a sua Palavra tivesse transformado o coração dos homens de modo que os bens materiais fossem partilhados conforme as necessidades²²². Esta cultura suscitada por uma nova economia é também designada por «cultura de amor», porque a sua génese é fundada no amor evangélico, cultura de uma humanidade nova que deve ser irradiada no mundo²²³.

Outra estrutura importante no Movimento para o desenvolvimento da cultura e do diálogo foram as cidadelas ou «Mariápolis permanente», isto é, pequenas cidades onde se vive no dia a dia a presença de Maria através do amor recíproco e o Mandamento Novo de Jesus; nestas cidades estão representados todos os ramos da espiritualidade. Após uma visita a Fontem, Chiara teve a intuição de que naquela floresta densa deveria surgir uma cidade e que essa cidade deveria ser modelo para ser visitada por muitas pessoas, não com o objetivo de encontrar tanto uma riqueza material, mas sobretudo uma riqueza espiritual, em que o mandamento de Jesus posto em prática fosse a norma entre todos os cidadãos²²⁴.

A espiritualidade da unidade desenvolveu outra estrutura importante - o Movimento Político para a Unidade. A sua origem foi no ano de 1996, por ocasião de um encontro com um grupo de políticos. No âmbito do mundo político, Chiara sublinha que este sempre foi um campo de particular atenção, porque aos políticos era dada a

²²¹ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, pp. 386-387.

²²² Cf. ZAMBONINI, FRANCA, *Chiara Lubich - A sua herança...*, p. 109.

²²³ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 388.

²²⁴ Cf. ZAMBONINI, FRANCA, *Chiara Lubich - A sua herança...*, p. 91.

possibilidade de amar o próximo num crescendo de caridade; ou seja, de um amor interpessoal a um amor maior direcionado para a *polis* (cidade)²²⁵. Embora esta experiência remonte aos inícios do Movimento pelo espírito que o carisma fez suscitar no deputado Igino Giordani, assinala-se, nesta fase, um novo impulso na própria atividade política.

Atualmente participam no Movimento Político para a Unidade pessoas não cristãs ou de outras culturas, desde que sejam pessoas que acreditem em valores profundos e eternos da humanidade e que tenham disponibilidade para atuar no âmbito da política²²⁶. Neste sentido, constata-se que, a partir de Giordani, se abre toda uma dimensão no âmbito político, assim se foi estabelecendo contactos com grandes personalidades no âmbito social e político. O encontro com a espiritualidade da unidade suscitou entre Alcide De Gasperi, político democrata cristão italiano, que ocupou os cargos de primeiro-ministro e presidente da Itália, Konrad Adenauer e Robert Schuman um interesse comum na construção de uma Europa Unida²²⁷.

Esta fraternidade, fruto do «amor recíproco», faz criar um novo estilo de vida comunitário em que jovens e adultos, animados por um respeito mútuo numa colaboração recíproca, constituem uma sociedade nova, cujo objetivo político e cultural é o bem comum²²⁸. Deste modo, também o Papa João Paulo II, na encíclica *Ut Unum Sint*, desafiou os cristãos a ter uma atitude de caridade para com todos os homens e a estar abertos a todas as ciências sociais e culturais, através de um diálogo aberto e sincero²²⁹. Na oração sacerdotal de Jesus, «Pai, que todos sejam um», está impresso,

²²⁵ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 334.

²²⁶ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, pp. 334-335.

²²⁷ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 336.

²²⁸ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 346.

²²⁹ Cf. JOÃO PAULO II, *Ut Unum Sint* 36 «Sem esse amor, seria impossível enfrentar as reais dificuldades teológicas, culturais, psicológicas e sociais que se encontram ao examinar as divergências. A esta dimensão interior e pessoal, está inseparavelmente associado o espírito de caridade e de humildade:

afinal, o desígnio de Deus que consiste em fazer da humanidade inteira uma verdadeira fraternidade. Nesta oração, Jesus não somente nos revela Deus como Pai, mas diz que somos todos irmãos, o que suscitou nos membros da Obra a ideia da humanidade como família, da «família humana» possível para a fraternidade universal em ato²³⁰. Esta ideia de fazer da humanidade uma fraternidade ficou expressa na encíclica *Redemptoris Missio*²³¹, no sentido de caminhar para o Reino.

Outro aspeto importante de âmbito cultural no desenvolvimento da espiritualidade da unidade foi o dos meios de comunicação utilizados para a divulgação deste mesmo carisma, através de suas publicações, primeiramente em papel, depois numa realidade virtual, através da internet. Neles, publicam-se diversos artigos nas mais diversas áreas - espirituais, eclesiais e sociais - de modo que se possa dar ao leitor um contributo original, no espírito da unidade e do diálogo²³². Os meios de comunicação constituem, como se depreende, uma rede de grande importância no desenvolvimento do diálogo.

caridade para com o interlocutor, humildade para com a verdade que se descobre e que poderia exigir revisão de afirmações e de atitudes».

²³⁰ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 348.

²³¹ Cf. JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio* 17 «A tarefa da Igreja é orientada num duplo sentido: por um lado promover os denominados «valores do Reino», como a paz, a justiça, a liberdade, a fraternidade, por outro, favorecer o diálogo entre os povos, as culturas, as religiões, para que, num mútuo enriquecimento, ajudem o mundo a renovar-se e a caminhar cada vez mais na direção do Reino».

²³² Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 483.

3. O Conceito de “diálogo respeitoso”

A capacidade de acolher o outro, diferente na sua cultura ou religião, conduz a um caminho que o Papa João Paulo II designou por «Anúncio respeitoso»; «respeitoso» devia ser, aliás, o termo chave de cada diálogo. Pela lealdade diante de Deus, por aquela diante de nós mesmos e pela sinceridade diante do próximo, sem com isto querer impor nada ao outro, ou sem qualquer sombra de proselitismo, mas somente por amor²³³. Esta atitude implica conhecer o outro, reconhecer a sua diversidade, diferença, sem a contestar, mas aceitá-la assim como se manifesta, na sua radical alteridade. Significa colocar-se no plano do outro. No conhecimento e na aceitação da sua radical alteridade, colocamos em ato aquela alteridade humana e, por isso também, de mim mesmo como outro em relação aos outros²³⁴.

Este respeito recíproco para com o próximo deve levar a reconhecer as «Sementes do Verbo» que o amor de Deus depositou em cada religião. Por isso, é necessário que o clima de comunhão gerado por essa troca de dons possa revelar uma verdade que nos faz sentir irmãos. Esta estima e comunhão recíproca levou a bom termo um fecundo diálogo com pessoas das mais distintas culturas e com seguidores de outras religiões que, motivados por esta prática de «fazer-se um», fizeram nascer uma profunda amizade, revelando um profundo interesse em conhecer a espiritualidade do Movimento e dele se tornando simpatizantes²³⁵.

²³³ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 466.

²³⁴ Cf. CICCHERO, GENNARO, *Incontro a Te antropologia del dialogo*, Città Nuova, Roma, 2010, p. 94.

²³⁵ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, pp. 466-467.

A verdadeira fraternidade floresce de um amor que é capaz de se fazer diálogo, que não fica fechado sobre si mesmo, mas que, abrindo-se aos outros, com eles colabora, a fim de juntos construírem a unidade e a paz no mundo²³⁶.

Neste mundo marcado por tantos conflitos civilizacionais e por diversas correntes terroristas, é necessário que todos possam empenhar-se na construção de uma sociedade mais justa, indo para além daquilo que é o próprio sentimento político, económico e religioso, e assim construir uma comunidade fraterna de povos empenhados em realizar a justiça. Somente a fraternidade entre indivíduos e povos pode assegurar um futuro de convivência pacífica²³⁷.

Esta experiência que o Movimento oferece permite compreender que aquilo que é impossível a milhões de homens isolados e divididos entre si se torna possível entre tantos que fazem do amor recíproco, da compreensão e da unidade o motor essencial da própria vida²³⁸, fazendo-os abrir ao outro «pela presença de Jesus no meio de nós» (Mt 18, 20). É um diálogo feito de benevolência humana, de estima recíproca, de respeito e de misericórdia²³⁹.

Este esforço comum de estabelecer pontos de diálogo permite ver florescer uma «Nova Primavera na Igreja», pautada pelo respeito mútuo²⁴⁰, que consiste em amar o carisma do outro como o próprio. Brota, por assim dizer, um caminho de unidade

²³⁶ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 467.

²³⁷ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 469.

²³⁸ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 469.

²³⁹ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 470.

²⁴⁰ A Encíclica «*Ut Unum Sint*» salienta a importância de um respeito mútuo e verdadeira fraternidade entre as religiões. «O diálogo põe os interlocutores diante de verdadeiras e precisas divergências que tocam a fé. Estas divergências não de ser encaradas, sobretudo, com sincero espírito de caridade fraterna, de respeito das exigências da própria consciência e da consciência do próximo, com profunda humildade e amor à verdade. Nesta matéria, o confronto tem dois pontos de referência essenciais: a Sagrada Escritura e a grande Tradição da Igreja. Serve de ajuda aos católicos o Magistério sempre vivo da Igreja» (UUS 39).

fundada no Evangelho, naquelas palavras que Jesus pronunciou pouco tempo antes de morrer e que, uma vez mais, recordamos: «Que sejam Um para que o mundo creia»²⁴¹.

Chiara salienta que o importante para viver o «Amor Recíproco» é colocar a unidade como base - como sucede entre as Pessoas da Trindade que, sem se anularem, constituem uma Unidade. Assim escreve Chiara: «Nesta unidade querida por Deus, as duas almas fundem-se em um, e reaparecem iguais e distintas. Como a Santíssima Trindade»²⁴².

Esta unidade é afirmada na Pessoa de Cristo: «só Cristo, pode fazer de dois um, porque o seu amor, que é aniquilamento de si, faz-nos entrar profundamente no coração dos outros»²⁴³. Noutra linguagem pode dizer-se conhecer o outro, porém não se trata de um conhecimento gnosiológico, mas de um ato hermenêutico no qual o outro enquanto pessoa deve abrir-se e, através do ato de comunicar, possa dar a conhecer-se e tenha oportunidade de conhecer algo da pessoa que tem diante de si, sem pré-conceitos ou juízos prévios²⁴⁴. O diálogo exige, portanto, um atento trabalho de inteligência sobre as posições do outro, seja para entrar no seu significativo horizonte, seja para fazer emergir a resposta da mensagem cristã e o significado que tem para o próprio²⁴⁵. Deste modo, podemos experimentar que, quando alguém morre para si mesmo para fazer-se um com os outros, esses permanecem tocados e muitas vezes pedem explicação deste modo de agir²⁴⁶.

²⁴¹ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, pp. 339-340.

²⁴² CERINI, MARISA, *Deus Amor...*, p.55.

²⁴³ CERINI, MARISA, *Deus Amor...*, p.55.

²⁴⁴ Cf. CICCHERO, GENNARO, *Incontro a Te Antropologia...*, p.99.

²⁴⁵ Cf. ROSSANO, PIETRO, *Dialogo e annuncio cristiano L'incontro con le grandi religioni*, Paoline, Milano, 1993, p.120.

²⁴⁶ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 466.

3.1. *A dimensão teológica do “diálogo respeitoso”*

A dimensão teológica do diálogo na perspectiva do Movimento dos Focolares está fundamentada em seis realidades: a) as relações Trinitárias de Deus-Amor, que estabelece a conexão com as outras religiões; b) o Espírito Santo, pelo qual se estabelece o diálogo inter-religioso; c) o mandato missionário da evangelização; d) Jesus Abandonado, a chave do diálogo inter-religioso; e) a espiritualidade da unidade, uma espiritualidade mariana aberta às religiões; f) a metodologia do diálogo, própria de Chiara²⁴⁷.

Sobre a centelha inspiradora de Deus-Amor, Chiara constatou que nada era mais importante do que corresponder ao Amor de Deus amando, isto é, amar a Deus e amar o próximo. Assim, nas cartas dos primeiros tempos, a fundadora descrevia às suas companheiras a descoberta fulgurante: «Olha à tua volta: no mundo tudo passa: cada dia tem o seu entardecer, e a noite chega num instante. Ama o que não morre! Ama Aquele que é Amor!» [...] «Sim, no mundo existe a dor, mas para quem ama, a dor é nada; até o martírio é um canto! Até a cruz é um canto. Deus é Amor! E cada dor é a prova tenaz do amor, é o inconfundível sigilo divino»²⁴⁸.

Neste sentido, Chiara salienta que a palavra amor está «inscrita no DNA de cada homem e de cada mulher, porque criados à imagem de Deus Amor»²⁴⁹. Deste modo, todos os Homens são «chamados a participar da vida íntima de Deus – a cuja imagem são criados – a viver em recíproca comunhão entre si, no Amor, segundo o modelo de

²⁴⁷ GABIAN, CRESCENCIA, *Spiritualità dell' Unità: binari di diálogo inter-religioso*, in Nuova Umanità, marzo/aprile, Roma, 2010/2, pp. 299-315.

²⁴⁸ CERINI, MARISA, *Deus Amor...*, p. 16.

²⁴⁹ GABIAN, CRESCENCIA, *Spiritualità dell' Unità: binari di diálogo inter-religioso...*, p. 303.

Deus que é o Amor, que é Unidade na Trindade, e a espalhar no mundo a comunhão de Amor²⁵⁰ que n'Ele existe»²⁵¹.

Esse Amor, semeado no coração da humanidade, deve levar todos a exercitar, com a própria vida, a «arte de amar», que consiste, como sabemos, em amar a todos, ser o primeiro a amar, amar o outro como a si mesmo e fazer-se um com o outro²⁵². Neste sentido, a Fundadora sublinha que Deus traçou para cada pessoa um projeto de amor que liga Homens e coisas, numa determinada história, ordenando o fim dos povos e dos indivíduos, no respeito pela mais alta liberdade²⁵³.

Esta arte de amar vivida entre os cristãos deve levar a que os membros das outras religiões sejam levados, também eles, a fazer esta experiência de amor através da «regra de ouro»: «Aquilo que não queres para ti, não o faças aos outros» (Tb 4,15), e que está presente nas diversas religiões²⁵⁴.

Este amor desinteressado, por sua vez, suscita um interesse que leva o outro a questionar(-se) sobre este modo de viver a radicalidade evangélica de amar cada um, porque não estamos meramente na presença de um amor humano, mas de um amor sobrenatural, que sabe ver no outro o rosto de Jesus.

Outro aspeto que constitui a base teológica da espiritualidade da unidade é a experiência mística que Chiara teve sobre cada uma das Pessoas da Trindade, como se tivesse entrado no seio da Trindade, depois de Maria e José. Esta experiência mística

²⁵⁰ Existe uma perfeita sintonia entre a comunhão de amor e a comunhão viva que deve constituir a unidade como expressa o Papa João Paulo II, *Ut Unum Sint*: «A vontade de Deus é a unidade de toda a humanidade dispersa. Por este motivo, enviou o seu Filho a fim de que, morrendo e ressuscitando por nós, nos desse o seu Espírito de amor. Na véspera do sacrifício da Cruz, Jesus mesmo pede ao Pai pelos seus discípulos e por todos os que acreditarem n'Ele, para que *sejam um só*, uma comunhão viva». UUS 6.

²⁵¹ CERINI, MARISA, *Deus Amor...*, p. 70.

²⁵² GABIAN, CRESCENCIA, *Spiritualità dell' Unità: binari di diálogo inter-religioso...*, p.303.

²⁵³ CERINI, MARISA, *Deus Amor...*, p.78.

²⁵⁴ GABIAN, CRESCENCIA, *Spiritualità dell' Unità: binari di diálogo inter-religioso...*, p.303.

leva a fundadora a considerar que seria lógico, numa espiritualidade em que o «Corpo místico» de Cristo está entre nós, ver o positivo de cada coisa²⁵⁵.

A segunda realidade importante para a dimensão teológica do diálogo consiste na compreensão do Espírito Santo como seu protagonista: permitir ao Espírito Santo, presente nas «sementes do Verbo», ajudar a discernir Cristo, o Verbo Incarnado, no espírito de um «anúncio respeitoso» (NMI 56). Neste sentido, Chiara evidencia que o verdadeiro protagonista no diálogo inter-religioso é Cristo, que, pela ação do Espírito Santo, está presente em cada membro do seu Corpo Místico que é a Igreja, abrindo caminho a um respeitoso diálogo também com os não cristãos²⁵⁶.

A terceira realidade consiste no mandato missionário para a evangelização. Deste modo, Chiara sublinha o maior testemunho que podemos dar ao mundo da existência de Deus, testemunho esse que consiste em viver de tal modo o Evangelho que se possa experimentar a presença de Cristo no meio de nós²⁵⁷.

A quarta realidade com grande relevância teológica no diálogo inter-religioso é Jesus Crucificado e Abandonado, que constitui a chave da unidade. Num escrito dos primeiros tempos, Chiara afirma:

«Jesus Abandonado é todo o Paraíso com a Trindade e toda a terra com a Humanidade. [...] E sua é a Dor universal e por isso minha. Minha é a dor das almas que estão ao meu lado (aquele é o meu Jesus). Meu é tudo aquilo que não é paz, alegria, belo amável,

²⁵⁵ LUBICH, CHIARA, “Paradiso 49” in Nuova umanità..., p. 293.

²⁵⁶ GABIAN, CRESCENCIA, *Spiritualità dell' Unità...*, p. 305. Cf. PAULO VI, *Ecclesiam Suam*: «Ocupam-no primeiramente os homens que adoram o mesmo Deus único e supremo que nós adoramos, aludimos aos filhos do povo hebraico, dignos do nosso respeito afetuoso, fiéis à religião que nós chamamos do Antigo Testamento. [...] Não queremos deixar de reconhecer desde já com respeito os valores espirituais e morais das várias confissões religiosas não cristãs; queremos promover e defender, juntamente com elas, os ideais que nos podem ser comuns, no campo da liberdade religiosa, da fraternidade humana, da sã cultura, da beneficência social e da ordem civil. Baseado nestes ideais comuns, o diálogo é possível do nosso lado; e não deixaremos de o propor, sempre que haja de ser bem aceito, num clima de respeito recíproco e leal», (ES 60). Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO— CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS, *Diálogo e Anúncio*: «O diálogo sincero supõe, por um lado, aceitar reciprocamente a existência das diferenças, ou também das contradições, e, pelo outro, respeitar a livre decisão que as pessoas tomam em conformidade com a própria consciência», cf. (DH 2); (DA 41).

²⁵⁷ GABIAN, CRESCENCIA, *Spiritualità dell' Unità...*, p. 306.

sereno [...], numa palavra: aquilo que não é Paraíso. Porque também eu tenho o meu Paraíso mas é aquele no coração do meu Esposo»²⁵⁸.

Neste sentido, Jesus Crucificado²⁵⁹ e Abandonado tornou-se o segredo daquele diálogo que é capaz de gerar a unidade²⁶⁰. Jesus, no seu abandono, fez-se «pecado» (cf. 2 Cor 5, 21), «maldição» (cf. Gal 3, 13) para se fazer um com os que estão afastados de Deus, como nos revela a Escritura. Deste modo, Jesus abandonado tornou-se, neste tempo histórico do carisma, a divina resposta aos abismos dos sofrimentos e provações escavadas no coração dos homens pelo ateísmo, que impregna uma grande parte da cultura moderna²⁶¹.

A quinta realidade para uma leitura teológica do diálogo consiste na espiritualidade mariana. Maria ocupa um lugar importante, seja na relação entre os cristãos, seja na relação entre cristãos e fiéis das grandes religiões. Os principais elementos desta relação estão nas denominações de Maria como a «*Theotókos*», que conduz ao Verbo Encarnado. Para os Padres da Igreja, sem a maternidade divina, Cristo seria reduzido a uma figura mítica sem origem humana. Mas Maria é também modelo da Igreja, uma vez que não somente gerou no seu ventre o Filho de Deus, mas também se tornou Ela mesma a primeira discípula de Cristo²⁶². Maria tornou-se para os membros do Movimento o modelo a imitar, ou seja, a gerar espiritualmente Jesus. Para demonstrar o Amor de Maria pela humanidade, Chiara usou uma linguagem analógica, recorrendo a gestos heroicos que muitas vezes as mães naturais fazem, pondo em risco a própria vida para salvaguardar a vida dos filhos. Assim, Chiara, afirmou que se as mães

²⁵⁸ VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 152.

²⁵⁹ Cf. JOÃO PAULO II, *Ut Unum Sint*: «Por sua vez, o Evangelho de S. João, pensando na situação do povo de Deus daquele tempo, vê na morte de Jesus a razão da unidade dos filhos de Deus: «Devia morrer pela Nação. E não somente pela Nação, mas também para trazer à unidade os filhos de Deus que andavam dispersos» (*UUS* 5).

²⁶⁰ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 474.

²⁶¹ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 296.

²⁶² Cf. GABIAN, CRESCENCIA, *Spiritualità dell' Unità...*, pp.308-309.

naturais amam deste modo os seus filhos, pode-se imaginar o Amor de Maria, «Mãe humano-divina do Filho que era Deus, e Mãe espiritual de todos nós! Maria é a Mãe por excelência, é o protótipo da maternidade [...] Mas porque Deus é Amor, Maria surge como uma “explicação” de Deus, um livro aberto que explica Deus. Nós devemos [...] imitá-la, porque é o modelo de cada cristão e o caminho que leva a Deus»²⁶³.

Noutro escrito, Chiara salienta a grandeza de Maria ao acolher o projeto que Deus tinha reservado para Ela; Maria foi Aquela que mostrou e gerou Jesus. Nenhuma criatura no mundo se tornou apóstolo tão grande. Ninguém jamais teve palavras como Ela, que deu à luz o Verbo Incarnado. Sobre o modo de como viver o fascínio de Maria, Chiara diz ser necessário «fazer silêncio deixando falar o Espírito do Senhor. Deste modo, vivo Maria e vivo Jesus. Vivo Jesus em Maria. Vivo Jesus vivendo Maria»²⁶⁴.

A espiritualidade da unidade marcada pela sua característica mariana procura trazer para os membros do Movimento uma certa presença de Maria, de tal modo que este foi também designado por Obra de Maria:

«Obra de Maria tem este nome porque a sua típica espiritualidade, a sua fisionomia eclesial, a variedade da sua composição, a sua difusão universal, os seus relacionamentos de colaboração e amizade com os cristãos de diversas Igrejas e comunidades eclesiais, pessoas de vários credos e de boa vontade, e a sua presidência secular e feminina, demonstram uma particular ligação com Maria Santíssima, Mãe de Cristo e de cada homem, que deseja ser – tanto quanto possível – uma sua presença na terra e quase uma continuação»²⁶⁵.

O sexto ponto da perspectiva teológica da espiritualidade do diálogo consiste numa metodologia própria da fundadora dos Focolares que tem por base uma aproximação indutiva e o uso de um estilo narrativo. Este método é fruto da experiência da Palavra vivida, que desde o início do Movimento suscitou um interesse entre cada

²⁶³ VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, pp. 208-209.

²⁶⁴ VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, pp. 210-211.

²⁶⁵ OPERA DI MARIA, *Statuti Generali...*, art. 2.

pessoa. Deste modo, constatou-se que a prioridade dada à Palavra de Deus na espiritualidade foi a garantia da ortodoxia na sua práxis do diálogo inter-religioso. Este método suscitou uma teologia narrativa, que teve por objetivo comunicar a experiência espiritual, fruto da Palavra vivida acessível a todos, independentemente da sua cultura e idade²⁶⁶. Para desenvolver e pensar esta forma de fazer teologia, surgiu no Movimento dos Focolares a «Scuola Abbà», com o objetivo de estudar a experiência mística do «Paraíso de 49». Neste âmbito, o teólogo Piero Coda explica que uma «teologia narrativa» consiste em passar de uma teologia «sobre» Jesus a uma teologia «de» Jesus, isto é, uma teologia vivida e pensada por nós, para a unidade N'Ele²⁶⁷.

Outro aspeto a salientar é que esta forma narrativa, praticada pelos membros dos Focolares, produz uma abertura entre cristãos e pessoas de credos diferentes, fomentando um diálogo verdadeiro e fraterno, e consiste no uso de uma linguagem simbólica, particularmente no diálogo com as outras religiões e culturas asiáticas, sem deixar de permanecer fiel à Sagrada Escritura e à Tradição²⁶⁸.

Deste modo, é a presença de Jesus no meio de nós que dá novo vigor e força ao vínculo sacramental que existe entre todos os batizados. É a presença de Jesus que nos faz ser «células vivas» do seu corpo místico²⁶⁹. Num encontro ecuménico de bispos, Chiara instiga-os a serem continuamente criadores destas «células vivas» do Corpo Místico de Cristo que são os irmãos unidos no seu nome, para dar a vida integral ao Corpo de Cristo²⁷⁰.

²⁶⁶ Cf. GABIJAN, CRESCENCIA, *Spiritualità dell' Unità:...*, pp. 312-313.

²⁶⁷ Cf. CODA, PIERO, *L'albero e la chioma: un percorso di teologia trinitaria nella luce della scuola Abbà*, in Nuova Umanità, Città Nuova, Roma, XXX maggio-giugno, 2008/3, p. 306.

²⁶⁸ Cf. GABIJAN, CRESCENCIA, *Spiritualità dell' Unità:...*, pp. 314-315.

²⁶⁹ Cf. BACK, JOAN PATRICIA, *Una Spiritualità per il dialogo ecumenico* in. Nuova Umanità, maggio/giugno, Roma, 2008/3, p. 396.

²⁷⁰ Cf. BACK, JOAN PATRICIA, *Una Spiritualità per il dialogo ecumenico*, in Nuova Umanità, p. 396.

Nesta perspectiva, o «diálogo da vida» configura-se como o lugar de onde nasce uma teologia de vida de unidade²⁷¹, como um novo método de fazer teologia: vivendo as Palavras de Jesus, o Evangelho, elas são atualizadas na vida concreta dos crentes, pelo que se tornou evidente para os membros do Movimento que era necessário comunicar as experiências da Palavra que são a vida de Deus realizada em nós²⁷².

Após quarenta anos de diálogo teológico e de um diálogo de caridade²⁷³, constata-se uma nova realidade que é fruto de uma convivência fraterna marcada pela própria vida, e que abre caminho a um diálogo do povo, a um «ecumenismo do povo», que todos podem viver²⁷⁴.

A dimensão teológica do diálogo tem, assim, a sua máxima amplitude no «diálogo da vida», em que a norma por excelência consiste em atuar a «arte de amar» que abrange todos, mesmo aqueles que não professam qualquer credo. Esta foi a grande descoberta de amor que constituiu o fundamento do Movimento dos Focolares, e que abrange a sociedade nas suas diferentes dimensões: religiosa, social e cultural. Neste sentido, constatou-se que somente amando o outro gratuitamente, ele pode, por sua vez, corresponder ao amor, amando, ou seja, vivendo uma mútua caridade²⁷⁵, como sublinha o Papa João Paulo II, recorrendo aos textos conciliares do Papa João XXIII. Deste modo, é necessário interessar-se por tudo aquilo que caracteriza o outro, ou seja, acolhê-

²⁷¹ Cf. BACK, JOAN PATRICIA, *Una Spiritualità per il dialogo ecumenico*, p. 398.

²⁷² Cf. BACK, JOAN PATRICIA, *Una Spiritualità per il dialogo ecumenico*, pp. 398-399.

²⁷³ Sobre o diálogo da caridade o Papa expressa que é necessário procurar estabelecer uma verdadeira comunhão e apagar as divisões no passado: «No final da Assembleia Conciliar, o Papa Paulo VI consagrou a vocação ecuménica do Concílio ao retomar o diálogo da caridade com as Igrejas em comunhão com o Patriarca de Constantinopla, realizando com ele aquele gesto concreto e altamente significativo que «relegou para o esquecimento» — e «tirou da memória e do meio das Igrejas» — as excomunhões do passado» (*UUS* 17).

²⁷⁴ Cf. BACK, JOAN PATRICIA, *Una Spiritualità per il dialogo ecumenico* in. *Nuova umanità...*, pp.398.

²⁷⁵ Assim acreditava na unidade da Igreja o Papa João XXIII, e desse modo contemplava ele a unidade de todos os cristãos. Ao referir-se aos outros cristãos, à grande família cristã, constatava: «É muito mais forte aquilo que nos une do que quanto nos divide». E o Concílio Vaticano II, por seu lado, exorta: «Lembrem-se todos os cristãos de que tanto melhor promoverão a união dos cristãos quanto mais se esforçarem por levar uma vida mais pura, de acordo com o Evangelho. Porque, quanto mais unidos estiverem em comunhão estreita com o Pai, o Verbo e o Espírito, tanto mais íntima e facilmente conseguirão aumentar a fraternidade mútua» (*UUS* 20).

lo, conhecer a sua fé, a sua cultura, a sua linguagem; noutra palavra, fazer «inculturação»²⁷⁶. Neste sentido, constata-se que esse modo de atuar permite que as sociedades multiculturais se tornem interculturais, isto é, sociedades cujas culturas estão abertas umas às outras num profundo diálogo de amor entre elas²⁷⁷.

3.2. *O “diálogo respeitoso” como caminho de comunhão*

Ao tomar a palavra, no Conselho Ecuménico das Igrejas, Chiara pronunciou esta oração: «Tu, que disseste: “Onde estão dois ou três reunidos no meu nome, Eu estou no meio deles” (cf. Mt 18, 20), suscita em todos nós aquele grande respeito fraterno, aquele profundo acolhimento recíproco, aquele amor recíproco que permita, ou melhor, que traga a Tua presença espiritual para o nosso meio»²⁷⁸. Cada cristão é, então, chamado a estar na vontade de Deus, no desígnio de amor que Ele tem sobre cada um, como aquele que revela em si o mistério de unidade que é a Igreja, dando-se cada um ao outro, que retribui, dando-se a si mesmo²⁷⁹.

Deste modo, abre-se caminho a um novo modo de comunicar que gera comunhão e, porque testemunhado com a própria vida, se torna anúncio do Evangelho vivido - se cada um considera o outro não como estranho à sua própria interioridade²⁸⁰.

²⁷⁶ Cf. JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, sobre a inculturação: «o processo de inserção da Igreja nas culturas dos povos requer um tempo longo: é que não se trata de uma mera adaptação exterior, já que a inculturação “significa a íntima transformação dos valores culturais autênticos, pela sua integração no cristianismo, e o enraizamento do cristianismo nas várias culturas”. Trata-se, pois, de um processo profundo e globalizante que integra tanto a mensagem cristã, como a reflexão e a práxis da Igreja» (RM 52).

²⁷⁷ Cf. VANDELEENE, MICHEL, Chiara Lubich, *La Dottrina spirituale...*, p. 466.

²⁷⁸ FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 375.

²⁷⁹ Cf. ZANGHI, GUISEPPE MARIA, *Chiesa icona della Trinità, per il dialogo e l'annuncio*, in Nuova Umanità, Città Nuova, 84, Roma, novembre-diciembre 1992, p. 58.

²⁸⁰ Cf. ZANGHI, GUISEPPE MARIA, *Chiesa icona della Trinità...*, p. 59.

Na verdade, foi através deste respeito mútuo que a espiritualidade da unidade chegou a muitas partes do mundo, podendo aderir ao carisma da unidade fiéis de outras religiões, como está prescrito nos Estatutos da Obra:

«Podem aderir à Obra de Maria, em seus ramos, na qualidade de “colaboradores”, os fiéis de religiões não cristãs que amam a Obra na sua fisionomia espiritual ou por algumas suas peculiares características, e que se sintam ligados à mesma ou que a desejem, como é possível para eles viver o espírito e compartilhar os seus objetivos»²⁸¹.

Deste modo, tornou-se evidente que a experiência do Evangelho vivido deveria ser alargada a todos, mesmo àqueles que não professam qualquer credo, porque Jesus manda amar a todos, mesmo os inimigos, e faz nascer o sol sobre os bons e os maus e faz cair a chuva sobre os justos e pecadores (cf. Mt 5, 45). Assim, constatou-se que a espiritualidade devia abarcar todos, também aqueles que não possuem uma fé religiosa e que aderem à espiritualidade – neste grupo estão os não crentes, como se pode confrontar nos Estatutos, e também os simpatizantes²⁸² – todos são candidatos a construir um mundo mais unido:

«Podem aderir à Obra de Maria em seus ramos, na qualidade de “colaboradores”, pessoas de boa vontade que não têm uma fé religiosa, mas que estimam a Obra pela sua espiritualidade ou por alguma sua característica e que desejem como lhes é possível viver o seu espírito e compartilhar as suas finalidades»²⁸³.

Sobre o modo de atuar a comunhão na Igreja, G. Zanghi diz que é necessário que cada cristão se sinta chamado a estar com cada um, na vontade de Deus sobre o seu desígnio de amor; deste modo, revela-se em cada um o mistério de unidade que é a

²⁸¹ OPERA DI MARIA, *Statuti Generali*, artº 135.

²⁸² Cf. OPERA DI MARIA, *Statuti Generali*, artº 137: «Os simpatizantes são aqueles cristãos católicos e não católicos, aqueles fiéis de outras religiões e aquelas pessoas de boa vontade que simplesmente são simpatizantes da Obra de Maria, aqueles que procuram apoiá-la, oferecendo orações, ajuda, hospitalidade para com os seus membros, os seus trabalhos e os seus objetivos».

²⁸³ OPERA DI MARIA, *Statuti Generali*, artº 136.

Igreja, dando-se cada um ao outro numa verdadeira reciprocidade, o que permite ao outro corresponder ao amor, dando-se a si mesmo²⁸⁴.

Sobre o modo de viver o «Amor Recíproco», Chiara diz ser necessário colocar a unidade como base; como sucede entre as Pessoas da Trindade que não se anulam e constituem uma Unidade e que, por isso, «nessa unidade querida por Deus as duas almas fundem-se em um e reaparecem iguais e distintas. Como a Santíssima Trindade»²⁸⁵.

Esta característica constitutiva da espiritualidade da unidade permitiu que a sua estrutura fosse composta por membros de diversas confissões e por não crentes num diálogo comum, sendo forjados passo a passo segundo o modelo da Trindade. Assim, Chiara conclui que todos os homens são chamados a participar da vida íntima de Deus, a viver em recíproca comunhão entre si²⁸⁶.

A consciência de que Deus é Amor levou Chiara a descobrir que, no mundo, tudo é amor porque criado por Deus e que, no seu desígnio, Deus «teceu para nós e para os nossos irmãos, em que tudo resulta numa esplêndida trama de amor», onde «um misterioso elo de amor liga homens e coisas, conduz a história, ordena o fim dos povos e dos indivíduos, no respeito da mais alta liberdade»²⁸⁷. E é o Espírito Santo que liga na unidade todos os homens entre si, constituindo a família dos filhos de Deus, como assevera Chiara:

«É o Espírito Santo que liga em unidade os membros do Corpo místico. É Ele que Jesus enviou sobre os Apóstolos e depois sobre nós para a realização da sua oração da unidade. Foi o Espírito Santo que generosamente doou o carisma que possuímos (um

²⁸⁴ ZANGHI, GUISEPPE MARIA, *Chiesa icona della Trinità per il dialogo e l'annuncio*, in. Nuova Umanità..., pp.58-59.

²⁸⁵ CERINI, MARISA, *Deus Amor...*, p. 55.

²⁸⁶ CERINI, MARISA, *Deus Amor...*, p. 70.

²⁸⁷ CERINI, MARISA, *Deus Amor...*, p. 78.

carisma de unidade). Será Ele a realizar a unidade dos cristãos. Será Ele que iluminará os distantes. É Ele o Deus-Amor»²⁸⁸.

Chiara, dirigindo-se aos focolarinos, expressa que o modo de viver entre eles deve ser semelhante à dinâmica da vida intratrinitária até à consumação. Evocando um texto de um Padre da Igreja sobre a relação Trinitária, Chiara diz «Tal como o Pai e o Filho amando-se (de forma semelhante a dois paus que ardem cruzados), emitem uma chama: o Espírito Santo», assim, também nós, amando-nos como Eles, «ardendo como muitos paus sobrepostos, desprenderemos a partir da nossa morte total uma única chama: o Espírito Santo, o Espírito do Ressuscitado no meio de nós»²⁸⁹.

A conceção dialógica de Chiara consiste na capacidade de «fazer-se um com os outros». O diálogo da caridade²⁹⁰ é um enriquecimento recíproco, é um querer-se bem, é um sentir-se já irmãos, é um criar uma fraternidade universal desde já sobre esta terra²⁹¹. Este facto suscita um novo empenho ao nível social e cultural entre as pessoas e o mundo, suscitando um processo de inculturação²⁹² entre os povos, como evidenciou a Igreja nos documentos conciliares. Sobre o conceito de inculturação, que deriva da espiritualidade da unidade, Chiara explica: «A inculturação requer que nós nos façamos um, entrando na alma, na cultura, na mentalidade, na tradição nos costumes dos outros para compreendê-los e fazer vir fora as sementes do Verbo»²⁹³. Noutra ocasião, ao falar

²⁸⁸ CERINI, MARISA, *Deus Amor...*, p. 86.

²⁸⁹ CERINI, MARISA, *Deus Amor...*, p. 86.

²⁹⁰ Cf. JOÃO PAULO II, *Ut Unum Sint* 60 «O método a seguir para a plena comunhão é o diálogo da verdade, alimentado e amparado pelo diálogo da caridade. O reconhecimento às Igrejas Orientais Católicas do direito de se organizarem e realizarem o seu apostolado, bem como o efetivo envolvimento destas Igrejas no diálogo da caridade e no diálogo teológico favorecerão não apenas um respeito recíproco, real e fraterno, entre os ortodoxos e os católicos que vivem no mesmo território, mas também o seu empenho comum na busca da unidade».

²⁹¹ Cf. VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale...*, p. 485.

²⁹² Cf. JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio* 52 «Pela inculturação, a Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas e simultaneamente introduz os povos com as suas culturas na sua própria comunidade, transmitindo-lhes os seus próprios valores, assumindo o que de bom nelas existe, e renovando-as a partir de dentro. Por sua vez, a Igreja, com a inculturação, torna-se um sinal mais transparente daquilo que realmente ela é, e um instrumento mais apto para a missão».

²⁹³ GABIAN, CRESCENCIA, *Spiritualità dell' Unità: binari di diálogo inter-religioso*, p. 304.

sobre a inculturação, Chiara diz “que é necessário cortar com as raízes da nossa cultura para entrar na cultura do outro e para assim podê-lo compreender, e, quando o tiveres compreendido, poderás dialogar com ele e passar a mensagem evangélica transmitindo as riquezas que ele possui²⁹⁴”.

Na Assembleia Geral de 15 de outubro de 2002, Chiara diz sobre o modo de como levar por diante esta Obra de Deus:

«Se eu tivesse de deixar em testamento uma herança, deixar-vos-ia a todos: Jesus no meio. Sinto que, como Maria deu a vida a Jesus, a Obra de Maria deu vida a Jesus espiritualmente presente no meio de nós. Deixo o fruto deste carisma mariano que é *Jesus no meio*. O carisma reside no “dois ou mais” (a presença prometida por Jesus a dois ou mais reunidos no seu nome; Mt.18, 20). Então, será Ele quem dirá o que devemos fazer. Devemos ser pessoas guiadas pelo Espírito Santo. Depois, com Jesus no meio de nós, quem sabe o que Ele é capaz de fazer?»²⁹⁵.

Maria Voce, após a sua eleição como presidente do Movimento dos Focolares, a 7 de julho de 2008, destaca, justamente, que a espiritualidade da unidade tem esta particularidade própria que consiste na presença de Jesus entre nós; dar continuidade a este carisma é tarefa de todos, porque a espiritualidade é coletiva, e o amor recíproco é o principal caminho que leva à plena unidade²⁹⁶ e que torna presente Jesus entre nós²⁹⁷.

Assim, afirma Maria Voce que o «respeito mútuo» no diálogo entre os cristãos e as pessoas de convicções diferentes é o melhor caminho para que as diversidades se transformem de embate em encontro sem, no entanto, renunciarmos às nossas certezas e sem sombras de proselitismo²⁹⁸.

²⁹⁴ GABIAN, CRESCENCIA, *Spiritualità dell' Unità: binari di diálogo inter-religioso*, p. 305.

²⁹⁵ ZAMBONINI, FRANCA, *Chiara Lubich - A sua herança...*, p. 162.

²⁹⁶ Cf. JOÃO PAULO II, *Ut Unum Sint*, 87 «Ao longo do caminho que leva à plena unidade, o diálogo ecuménico esforça-se por suscitar uma recíproca ajuda fraterna, por meio da qual as Comunidades se dedicam a dar mutuamente aquilo de que cada uma tem necessidade para crescer segundo o desígnio de Deus que leva à plenitude definitiva (cf. Ef 4, 11-13)».

²⁹⁷ ZAMBONINI, FRANCA, *Chiara Lubich - A sua herança...*, p. 18.

²⁹⁸ ZAMBONINI, FRANCA, *Chiara Lubich - A sua herança...*, pp. 23-24.

Conclusão

Começámos por fazer um breve percurso histórico da vida de Chiara Lubich e por verificar os avanços que se fizeram através de um diálogo de caridade. Antes de mais, é necessário ter presente que nos anos quarenta não era vulgar na Igreja falar de temas como «unidade» e «diálogo». Por outro lado, constata-se que também nunca foi pretensão de Chiara criar nenhuma estrutura de um Movimento, mas apenas transmitir a todos a descoberta de uma verdadeira vida evangélica que Deus por meio dela havia suscitado. De tal forma que, na génese da espiritualidade, Chiara e as suas primeiras companheiras apenas tinham como horizonte poder amar a todos para que entre elas pudesse ser atualizada aquela página da oração de Jesus «Que todos sejam um». Este acaba por se tornar o objetivo principal pela qual consagram toda a sua vida a Deus. A consciência de que deviam amar a todos levou aquele pequeno grupo a não fazer exceção de ninguém, daí também a inclusão daqueles que não professam o mesmo credo.

Este modo radical de uma vida toda evangélica impressionou grandes líderes que quiseram conhecer a espiritualidade, abrindo assim uma nova página no caminho de diálogo entre as várias Igrejas. Multiplicam-se os encontros entre os católicos e ortodoxos, mas também se dá início ao diálogo com as grandes religiões; mais tarde, ao diálogo com as pessoas de convicções não religiosas e, finalmente, com a cultura. Neste último âmbito inserem-se uma imensidade de áreas: psicologia, política, economia, arte, desporto, comunicação social, e outras que, animadas por um profundo interesse de conhecer a espiritualidade, estabelecem uma relação de diálogo, anuindo de igual modo na arte de amar, aplicando-a nestas diversas áreas.

De todo este percurso, destaca-se a importância de estabelecer com cada próximo um «diálogo respeitoso», acolhendo tudo o que constitui a sua identidade, amando-o desinteressadamente, de modo que se possa expressar livremente, atitude que o levará a questionar sobre a razão desse amor concreto – questionamento que está na base do “anúncio” que o “diálogo” possibilita. Este amor deverá, portanto, levar o outro a corresponder ao amor, amando; neste sentido, Chiara disse que esse amor deve suscitar em todos um enorme respeito fraterno, um profundo acolhimento, um amor recíproco que permite trazer a presença espiritual de Deus para o nosso meio²⁹⁹ – esta é a dimensão vertical do diálogo, como afirmou o Papa João Paulo II na *Ut Unum Sint*: «A dimensão vertical do diálogo está no comum e recíproco reconhecimento da nossa condição de homens e mulheres que pecaram. É precisamente isto que abrirá nos irmãos, que vivem em Comunidades não plenamente em comunhão entre si, aquele espaço interior, onde Cristo, fonte da unidade da Igreja, pode agir eficazmente, com toda a força do seu Espírito Paráclito»³⁰⁰.

A este propósito, é requerido um esforço no sentido de um verdadeiro respeito comum, entre os fiéis das diversas Igrejas e comunidades, para a construção de uma plena comunhão na Igreja em que Cristo é fonte e Cabeça deste Corpo Místico.

Os grandes passos que, por iniciativa de Chiara Lubich e dos Focolares, se deram no diálogo com crentes e não crentes, mas também nas mais diversas áreas da cultura, necessitam, no entanto, de serem continuados através de formação quer entre os fiéis leigos quer também no âmbito da formação dos sacerdotes, inculcando neles um interesse por um verdadeiro diálogo, primeiramente eclesial e, depois, aberto a todos os homens e mulheres de boa vontade. Na verdade, esta é uma área muito atual no âmbito

²⁹⁹ Cf. FONDI, ENZO MARIA – ZANZUCCHI, MICHELE, *Um Povo nascido...*, p. 375.

³⁰⁰ Cf. JOÃO PAULO II, (*UUS* 35).

eclesial e que nem sempre foi linear. Apesar de tudo, tem surgido alguma abertura, nomeadamente a nível social, para soluções que unifiquem e que unam esforços, em vez de fragmentar ainda mais.

A Encíclica *Ut Unum Sint* de João Paulo II sobre o ecumenismo descreve, precisamente, algumas disposições morais com que se hão de enfrentar os colóquios doutrinais: «No diálogo ecuménico, os teólogos católicos, sempre fiéis à doutrina da Igreja, quando investigarem juntamente com os irmãos separados os divinos mistérios, devem proceder com amor pela verdade, com caridade e humildade»³⁰¹.

Somente um diálogo de caridade poderá suscitar na Igreja uma plena comunhão entre todos os povos para que se possa realizar na terra o testamento de Jesus - «Que todos sejam um, para que o mundo creia» (cf. Jo 21, 21).

³⁰¹ JOÃO PAULO II, (*UUS* 36).

Bibliografia

Fontes

- LUBICH, CHIARA, *A Unidade e Jesus Abandonado*, Cidade Nova, Lisboa, 1985.
- LUBICH, CHIARA, *Cartas dos primeiros tempos, nas origens de uma nova espiritualidade*, Cidade Nova, Abridada, 2011.
- LUBICH, CHIARA, *Escritos Espirituais/I. A Atração Dos Tempos Modernos*, Cidade Nova, São Paulo, 1983.
- LUBICH, CHIARA, *Ideal e Luz – Pensamento, Espiritualidade, Mundo Unido*, Cidade Nova, São Paulo, 2003.
- LUBICH, CHIARA, *L'arte di amare*, Città Nuova, Roma, 2008.
- LUBICH, CHIARA, *O Grito*, Editora Cidade Nova, Parede, 2000.
- LUBICH, CHIARA, *Palavra que se faz vida*, Cidade Nova, Abridada, 1990.
- LUBICH, CHIARA, *Um Caminho Novo, a espiritualidade da unidade*, Cidade Nova, Abridada, 2004.
- LUBICH, CHIARA, *Uma nova Cultura para uma Sociedade nova, Discursos por ocasião dos doutoramentos honoris causa*, Cidade Nova, Abridada, 2009.
- LUBICH, CHIARA, *Viver A Palavra*, Cidade Nova, Abridada, 2012.
- OPERA DI MARIA, *Statuti Generali*, Città Nuova, Roma, 1999.
- VANDELEENE, MICHEL, *Chiara Lubich, La Dottrina spirituale*, Città Nuova, Roma, 2001.

Documentos do Magistério

- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja: AAS 57 (1965), 1-71.
- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Declaração *Nostra Aetate*, sobre a Igreja e as Religiões Não-Cristãs: AAS 58 (1966) 740-744.
- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Decreto *Ad Gentes*, sobre a Atividade Missionária da Igreja: AAS 58 (1965) 947-990.
- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Decreto Unitatis Redintegratio sobre o ecumenismo*: AAS 57 (1965), 90-112.

- JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, ao episcopado, ao clero e aos fiéis no termo do grande jubileu do ano 2000: AAS 93 (2001) 265-309.
- JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, sobre a validade permanente do mandato missionário: AAS 83 (1991) 249-340.
- JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Ut Unum Sint* sobre o empenho ecuménico: AAS 87 (1995), 921-982.
- JOÃO PAULO II, OSSERVATORE ROMANO, 4 de dezembro de 2003, Mensagem do Papa João Paulo II à fundadora do movimento dos focolares, Sra. Chiara Lubich, p.5.
- PAULO VI, Carta Encíclica *Ecclesiam Suam*, aos veneráveis irmãos Patriarcas, Primazes, Arcebispos, Bispos e a todos os ordinários do lugar ao Clero e aos Fiéis de todo o mundo e a todos os homens de boa vontade em paz e comunhão com a Sé Apostólica, sobre os caminhos da Igreja: AAS 56 (1964) 609-659.
- PAULO VI, Declaração *Dignitatis Humanae*, sobre a Liberdade Religiosa: AAS 58 (1966) 929-946.
- PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, ao episcopado, ao clero, aos fiéis de toda a Igreja sobre a Evangelização no mundo contemporâneo: AAS 68 (1976) 5-76.
- PIO XII, Carta Encíclica *Mystici Corporis*, aos veneráveis irmãos Patriarcas, Primazes, Arcebispos e Bispos e outros Ordinários do lugar em paz e comunhão com a Sé Apostólica, o Corpo Místico de Jesus Cristo e nossa união Nele com Cristo: AAS 35 (1943) 193-248.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO CONGREGAÇÃO para a Evangelização dos Povos *Diálogo e Anúncio*: AAS 84 (1992) 414-446.
- SECRETARIADO PARA OS NÃO-CRISTÃOS, *A Igreja e as outras Religiões, Diálogo e Missão*: AAS 76 (1984) 816-828.

Outros Autores

- AA.VV., *Atti del corso di approfondimento per “amici del dialogo” di convinzione non religiose*, Città Nuova, Castelgandolfo, 27 febbraio – 1° marzo 2009.
- AA.VV., *Atti del corso di approfondimento per “amici del dialogo” tra persone di convinzione diverse*, Città Nuova, Castelgandolfo, 6-9 aprile 2006.
- AA.VV., *O Movimento dos Focolares*, Cidade Nova, São Paulo, 1967.
- CATALANO, ROBERTO, *Spiritualità di comunione e dialogo interreligioso, l'esperienza di Chiara Lubich e del Movimento dei Focolari*, Città Nuova, Roma, 2010.
- CERINI, MARISA, *Deus Amor na experiênciã e no pensamento de Chiara Lubich*, Cidade Nova, Parede, 1992.
- CICCHESI, GENNARO, *INCONTRO A TE, antropologia del dialogo*, Città Nuova, Roma, 2010.
- CODA, PIERO, *Le terre del mattino viaggio in Corea e Giappone*, Città Nuova, Roma, 1999.
- CODA, PIERO, *NELLA MOSCHEA DI MALCOLM X con Chiara Lubich negli Stati Uniti e in Messico*, Città Nuova, Roma, 1997.
- CODA, PIERO, *Viaggio in Asia con Chiara Lubich in Thailandia e Filippine*, Città Nuova, Roma, 1997.
- FOLONARI, GIULIA, *Uma partitura escrita no Céu, Cinquenta anos com Chiara Lubich*, Cidade Nova, Abridada, 2012.
- FONDI, ENZO MARIA –ZANZUCCHI, MICHELE ,*Um Povo Nascido do Evangelho, Chiara Lubich e os Focolares*, Paulus, Apelação, 2004.
- GALLAGHER, JIM, *Chiara Lubich a Obra De Uma Mulher*, Cidade Nova, Parede, 1998.
- ROSSANO, PIETRO, *Dialogo e annuncio cristiano. L'Incontro con le grandi religioni*, Ed. Paoline, Milano, 1993.
- TORNO, ARMANDO *PortatTi il mondo fra le braccia, vita di Chiara Lubich*, Città Nuova, Roma, 2011.
- ZAMBONINI, FRANCA, *Chiara Lubich - A sua herança*, Paulinas, Lisboa, 2010.
- ZANZUCCHI, MICHELE, *I Santuari sulle rocce con Chiara Lubich in Medio Oriente*, Città Nuova, Roma, 2000.
- ZANZUCCHI, MICHELE, *Mille lune in India con Chiara Lubich*, Città Nuova, Roma, 2001.

Artigos

- BACK, JOAN PATRICIA, *“Una Spiritualità per il dialogo ecumenico”* in. Nuova Umanità, maggio/giugno, Città Nuova, Roma, 2008.
- BRUNI, LUIGINO, *L’economia di comunione di Chiara. Quando un carisma cambia anche l’economia*, Nuova Umanità, XXX maggio-giugno, Città Nuova, Roma, 2008.
- CODA, PIERO, *L’albero e la chioma: un percorso di teologia trinitaria nella luce della scuola Abbà*, Nuova Umanità, XXX maggio-giugno, Città Nuova, Roma, 2008.
- CODA, PIERO, *Per una spiritualità del dialogo tra le religioni*, Nuova Umanità, XXV novembre-dicembre, Città Nuova, Roma, 2003.
- GABIAN, CRESCENCIA, *Spiritualità dell’unità: binari di dialogo inter-religioso*, in. Nuova Umanità, marzo/aprile, Città Nuova, Roma, 2010.
- LUBICH, CHIARA, *“Paradiso ‘49”*, in Nuova Umanità, XXX Maggio-Giugno, Città Nuova, Roma, 2008.
- LUBICH, CHIARA, *L’annuncio di Dio Amore*, Nuova Umanità, XXV maggio-agosto, Città Nuova, Roma, 2003.
- ZAGO, MARCELLO, *dialogo inter-religioso*, Nuova Umanità, novembre-dicembre, Città Nuova, Roma, 1993.
- ZANGHI, GUISEPPE MARIA, *“Chiesa icona della Trinità, per il dialogo e l’annuncio”* in. Nuova Umanità 84, novembre-dicembre, Città Nuova, Roma, 1992.

Índice

Siglas.....	3
Introdução.....	4
1. Breve biografia sobre Chiara Lubich	8
1.1. Antes da fundação do Movimento.....	8
1.2. Os primeiros anos do Movimento dos Focolares – prolegómenos dos “diálogos”	11
1.3. Os principais momentos do diálogo ecuménico	15
1.4. Principais momentos do diálogo inter-religioso	19
2. Noção de Evangelização nos escritos de Chiara Lubich	21
2.1. Evangelização e Lei do Amor.....	22
2.2. Evangelização e diálogo	24
2.3. A noção de «anúncio».....	32
2.4. Conciliação de diálogo e anúncio	39
2.5. Os Diálogos.....	43
2.5.1. Diálogo no interior da própria Igreja.....	45
2.5.2. Diálogo ecuménico.....	51
2.5.3. Diálogo inter-religioso.....	56
2.5.4. Diálogo com as pessoas de convicções “não religiosas”	66
2.5.5. Diálogo com a sociedade e a cultura.....	68
3. O Conceito de “diálogo respeitoso”	74
3.1. A dimensão teológica do “diálogo respeitoso”	77
3.2. O “diálogo respeitoso” como caminho de comunhão	84
Conclusão	89
Bibliografia	92
Índice.....	96